



Nota 16763

GRANDE COMMISSÃO EXECUTIVA  
PELA  
DO PRIMEIRO CENTENARIO DO GRANDE MINISTRO

INICIATIVA  
DO  
CLUB DE REGATAS  
GUANABARENSE

R. 14326 A.

ANNO  
1782

Lith. Portuguesas, a vapor, Lavradio, 118. PORTO

S. SANHUBO







HOMENAGEM

AO

MARQUEZ DE POMBAL



*Ant. Joseph de Sousa e Silva*  
O.S.



## O MARQUEZ DE POMBAL

## O CLUB DE REGATAS GUANABARENSE

Pela bocca d'um dos seus heroes disse o artista portuguez mais eminente do seculo actual:

Sobrinho Tejo, nem padrinho as menos  
Piares da tua gloria? Sim, lordado  
Do teu nome? ... Sim, recebo-o, guardo-o,  
Gemeiro Amaseno, o legado  
De honra, de fama e brío...

Não foi baldado o apello do grande litterato: a nação brasileira em geral, e algumas associações em particular, no numero das quaes tem lugar distinctissimo o CLUB DE REGATAS GUANABARENSE, tem dado sobejas provas de que aceitam o legado. Ainda nos resgam nos ouvidos, porque se não passaram dous annos, os echos festivos do centenário de Camões, em que esta benemerita corporação tomou parte brilhante, e já pensa em organizar festas, já se esmera em preparar louros para enramar a fronte d'um dos homens mais extraordinarios que tem aberto os olhos á luz em terras de Portugal. Não tardará que se lhe sigam o infante D. Henrique, Vasco da Gama, Afonso de Albuquerque, Mouzinho, Garrett, José Estevão, Herculano.

Mas o dia de hoje será do Pombal. E por que não?

Andam por ahi uns brandões sinistros a alumiarem o vulto do grande marquez, no piedoso intuito de lhe dar o aspecto de condemnado ás galés, ou de sclerado que merecesse ajustar contas com o carrasco na Praça Nova, se não houvera o perigo de lhe manchar o luxuoso pavimento com que foi dotada recentemente.

Porém o CLUB DE REGATAS GUANABARENSE, composto de homens do seu tempo d'elles, nascidos aqui e além do Atlantico, serve-se de luzes menos fumarentas.

Para elle o marquez de Pombal é o galvanizador do cadaver d'uma nação, é quasi o Christo de um Lazaro queimado nas fogueiras, depois de desmoralizado nas conquistas, sugado pelos nobres e estupidificado pela obediencia jesuitica.

Para elle o marquez de Pombal é o homem superior, que, obedecendo aos principios do seu tempo, preparava o caminho para a liberdade, dando importancia ao terceiro estado, a quem procurava illustrar nas escolas, a quem melhorava a subsistencia, levantando a agricultura, reorganizando o commercio, creando a industria.

Para elle o marquez de Pombal é o reformador da educação nacional, o introductor das sciencias naturaes, que tornou possível o renascimento das letras, e a fundação de uma corporação scientifica que por alguns annos fez esperar uma regeneração que se mallogrou nas mãos impotentes, fanaticas e inbecas, que dirigiam o leme do Estado.

Todavia não é facil recolher toda a semente que uma vez se dispersou pelo campo; dos grãos que ainda ficaram no sólo rebentaram os jacobinos da guerra peninsular, os liberais de 1820, e os repatriados de 1832, que deram os rebentos de que se fórma hoje o CLUB DE REGATAS GUANABARENSE e muitas outras collectividades de cá e de lá.

Grande é o poder dos raios do sol, que vão até alumiarem Neptuno a mais de mil milhões de leguas.

Porto, 5 do março de 1882.

Francisco do Faro Oliveira.

—1882—

As consagrações centenariaes são o supremo julgamento dos grandes vultos da historia; juizo sempre justo, porque dimanado do tribunal unico infallivel—a consciencia da posteridade.

Eduardo Gomes.

## O MARQUEZ DE POMBAL

Ha um seculo que este personagem se destaca, cada vez com mais relevo, do fundo cinzento da historia portugueza. N'elle existem todas as condições que podem ferir a alma popular: é forte de musculos, é decisivo de vontade, tem uma percepção rapida do seu fim, revelando nos momentos sinistros da sua vida inquietas meias extraordinarias para o conseguir. Um misto de galanteria, de aliciação de progresso humano e de serenidade cruel computando neste notavel caracter, esta riquissima organização revolucionaria.

Hoje mais do que nunca, sentindo-se proxima uma levantada empresa transformadora, todos os espiritos sinceros procuram instinctivamente uma individualidade energica e, para resumir as suas aspirações, pronunciam o nome do marquez de Pombal! A alma colectiva do povo portuguez, sente que lhe falta esse grande instrumento de civilização que se chama um verdadeiro homem d'Estado, como elle foi, tendo-o sido terrivelmente grande!

A sua inabalavel tonicidade pôde um curto periodo d'annos (1755-1777) reedificar Lisboa, depois de derrubada n'um terremoto memoravel; reformar os estudos, pervertidos durante seculos pela direcção jesuitica; animar a agricultura, desfalheada pela cobiça das riquezas facias; crear as industrias, que não existiam; disciplinar o exercito e fazer do Portugal uma nação respeitada em todo o mundo!

Era grande!—a historia para fixar definitivamente um homem precisa que elle tenha enorme estatura. Era vigoroso e audaz, tanto no corpo como no pensamento—o sentimento d'uma nação, para comprehender um personagem, precisa que elle seja predominante, que valha mais que os outros. Commetten inimizades? Commetten as tremendas; mas tambem produziu muita justiça. Foi absolutista e arbitrario? Foi, mereco as asperas censuras dos que

Portugal, depois dos gloriosos descobrimentos de seus grandes navegadores, que lhe são o maior e o mais completo titulo de autonomia sociologica, foi a pouco e pouco, pela falta d'uma missão social combinada a certas circunstancias politicas, tomado de estagnação, e toda a sua evolução scientifica, industrial e politica quasi parou em completa immobildade.

Foi o marquez de Pombal quem iniciou o movimento ascensional que desde então vem continuando. Profundamente influenciado por esse conjunto de doutrinas, admiraveis em sua grande emancipação, que caracterizam o seculo XVIII, Pombal foi um politico systemático á maneira de Turgot. A sua prodigiosa actividade exercem-se em todos os ramos da politica, arte mais que todas difficil para que se necessitam conhecimentos mais vastos e uma sagacidade mais penetrante que para nenhuma outra.

Se um grande homem é como o definiu Pierre Lafitte o que resolve um problema estabelecido pelo conjunto dos antecedentes historicos, e pela situação sua contemporanea, Pombal foi-o mais que nenhum outro em Portugal. Examinando o problema que então se impunha aos homens d'Estado portuguezes á luz da sociologia positiva ficava cheio da mais respeitosa admiração pelo homem que o soube comprehender e encontrar-lhe a solução sem o poderoso auxilio de uma sciencia que só em nossos dias foi constituida systematicamente.

A grandiosa operação politica de Pombal deixou incontestavelmente poderosos e duradouros vestigios do que foi benefica a todos os que fallamos portuguez; mas não teve, cumpre reconhecer-o, o exito que se poderia esperar e fora para desejar que alcançara. A razão d'este insuccesso relativo é facil de comprehender. Um governo qualquer, por mais poderoso que seja, tem necessidade, para ser duradouro, d'um ponto de apoio mais ou menos grande na opinião publica nacional.

Em Portugal não havia no tempo que surgiu o grande ministro uma classe intermediaria entre o governo e a grande massa popular—sufficientemente instruida e emancipada para dirigir a opinião, apoiando um ministro progressista. A distancia entre o grande ministro e o povo era necessariamente enorme, como o é sempre a que separa os grandes genios dos seus contemporaneos; por tanto na ausencia de uma classe intermediaria, Pombal só se pôde apoiar sobre o rei, por isso Pombal cahiu, quando D. José morreu, sem que a nação indifferente e incapaz de o comprehender levantasse um unico protesto. Mas o movimento estava começado, já não era possível parar. O impulso de Pombal fora muito vigoroso e bem dirigido, para que ninguém pudesse destrui-lo mais. Sem duvida uma grande parte do imponente edificio que Pombal construiu se viu desmantelado pelas esforços d'uma deplo-

ravel reacção, mas as bases fundamentais ficaram como alicerces sobre que as gerações posteriores poderão reconstruir a grandezza da nação.

Em todo caso a nossa gratidão deve medir-se pelo que Pombal executou de bom, de grande e de nobre para o serviço da sua patria e da humanidade, quaesquer que sejam as lacunas e os deficits inevitaveis em toda a construcção humana.

Cláudio Arraújo.

Lisboa, 9 do março de 1882.

TEIXEIRA DE QUEIROZ.

V.ª achava inclusa neste Bultete a  
Copia da Nota que Monfieur Hay a  
la de tornar da parajiação, que he fiz  
por ordem de Sua Magestade, Dalvysis  
em 7 de Maio de 1862. Como negocio  
perfi de V.ª. e de V.ª. e de V.ª. e de V.ª.  
Antar, que V.ª. procede na conformidade  
da mesma parajiação, e Nota em  
Ala Salomthem, adiantando sempre  
de tempo de que a hipa para. D.º  
a V.ª. G.ª. B.ª. em 17 de Junho  
de 1862. M.ª. am.º de 1862  
S.ª. Martins de  
Mella de 1862. Conde de Oeyra



## O DICTADOR

Volveram já cem annos, depois que o sepulchro se fechou sobre o cadaver de Sebastião José de Carvalho, e ainda se não apagaram as paixões que acendou o violento revolucionario; ainda o fumo d'ellas envolve aquelle grandioso vulto, que sobressaia na historia do seculo XVII, como estatua de gigante sobre um pedestal de ruínas. Luctou em vida com formidaveis adversarios, que derribou; e os seus triumphos, ora mereciam o favor e applauso publico, ora excitavam o sarcasmo dos philosophos e a execração das turbas. Depois de morto, a sua memoria é ao mesmo tempo abençoada e maldita: fazem-lhe apoteoses os que vêem n'elle o iniciador da epocha moderna, o heróico que arrastou com mão vigorosa os principaes baliardos do velho regimen: culmava de rancorosos vilipêdios os que elle, em combate, prostrou no campo, inutilizando-os para sempre. Os que se não deixaram cegar pelo odio, mas que se limitam a olhar as apparencias, accusam o ministro de D. José de haver fortalecido o despotismo, procurando firmar o throno dos reis, como em rocha inaliavel, sobre os alicerces do direito divino.

Ha nesta accusação um mixto de verdade innegavel e de profunda injustiça: o marquez de Pombal revigorou o poder absoluto, chegando quasi a deificar a realoza: é um facto, que se não pode pôr em duvida, sem contrariar os mais authenticos testemunhos da historia; mas tambem a historia nos demonstra, com provas irrefutaveis, que o reformador se aproveitou d'aquella força para arrazar as instituições caducas, preparando o terreno em que mais tarde se deveria erguer o edificio da liberdade. Procedeu conscientemente? Ninguém poderá affirmar-o: francamente autoritário, por educação ou por indole, como demonstrou em todos os actos da sua vida, quer no fastidio do poder, quer nas humilhações do infortunio, não era de certo seu intento abater a autoridade suprema, e que elle proprio tornaria illimitada: obedeceu, porém, á fatalidade do seu seculo.

Por toda a parte, n'aquelle tempo, se manifestavam aspirações e tentativas de reformas: se o ministro portuguez foi o maior dos reformadores, é porque nenhum outro soube proceder com tão inquebrantavel firmeza na execução dos seus desígnios. Assumindo a dictadura revolucionaria no momento em que o paiz, empobrecido e opprimido, havia cahido na estúpida resignação do desespero, ninguém como elle adquiriu tantos direitos á gratidão publico, e ninguém tão insensível tão violentos odios. Foi verdadeiramente um despota, sempre rigido, quasi sempre cruel; mas foi dos mais avançados precursores da liberdade e dos que trabalharam com mais valentia e perseverança. E é este merito o que dá maior vulto á sua estatura moral; o que faz grande o seu nome na historia politica das nações modernas. Intelligencia muito superior ao vulgar, não ha contido em nenhuma das suas obras o esplendor do genio, que deslumbrava; mas o que em todas se aduzia é a suprema energia da vontade que derrubou as mais fortes obstatuções, dominou as mais soberbas resistencias, sem nunca se desviar do caminho trilhado — a linha recta, que é a mais curta.

Passando em revista os actos do marquez de Pombal, causa verdadeiro assombro o contraste das largas vistas e estreitos preconceitos, das aspirações generosas e condemnaveis sentimentos que elles revelam. Ao mesmo tempo que preparava a regeneração social pela diffusão dos estudos, arrancando as novas gerações dos limbo da ignorancia, deixava-se arrastar pelas preoccupações vulgares, procurando desenvolver a riqueza publico pelos artificios d'uma legislação oppressiva. Accendia despreocupadamente a ultima foguetra do santo officio para queimar, como herege, um velho idiota, e ao mesmo tempo secularisava o terrivel tribunal, despojava-o das jurisdicções de que até então havia desenfreadamente gozado, libertando d'esse modo as consciências das garras do fanatismo. Nestas e muitas outras flagrantes contradicções, que, olhadas superficialmente, são deversas inexplicaveis, retrata-se com vigorosa fidelidade o caracter d'uma epocha, tranquilla na apparencia, mas em cujo solo latavam já os elementos de que se formará o passado e o que havia de constituir o futuro.

O espirito innovador que dominava as classes illustradas, só por meios violentos poderia vencer as resistencias da tradição, do habito, dos interesses e da ignorancia. Essa a razão por que o marquez de Pombal, como o rei da Suecia, como todos os reformadores d'aquelle tempo, tomaram nas mãos a clava do poder despotico para esmagar com ella os egoismos e os preconceitos. Nem d'outro modo poderiam triumphar as novas idéas, porque a massa geral da população, ignorante e desconfiada, nem comprehendia quanto seriam benéficas, nem se queria arriscar nas aventuras do desconhecido.

Um exemplo basta: Turgot, que não redia em capacidade a nenhum dos innovadores, e que era muito superior, na esphera intellectual, á maioria d'elles, não querendo, ao podendo impôr as suas reformas, teve de retirar-se do ministerio, sem realisar as suas esperanças, sem corresponder á confiança que haviam inspirado os seus talentos. Progrelin a desordem resultante da lucta de forças oppositas, e poucos annos depois relançou a revolução franceza, que abriu uma nova era, e de que o marquez de Pombal, com a sua energica dictadura, foi um dos mais notaveis precursores.

Delphin d'Almeida.

— 189 —

Depois de Camões, Pombal. O culto dos agentes beneméritos da evolução humana cresce com a espontaneidade irresistivel dos factos da ordem natural. Mas não basta, cumpre systematisar a nova adoração. Augusto Comte já o fez, e só o Positivismo poderá unificar as convicções populares, condição indispensavel para determinar a convergencia das expansões do sentimento. Em quanto a nova Unidade Religiosa, construida por Augusto Comte, não triumphar, as festas como a de hoje serão apenas pronunciadas das grandes explosões do sentimento humano, celebrando a obra dos gigantes da historia. Só a religião da humanidade, baseada na ciencia, pôde julgar os grandes homens e avaliar os seus serviços.

Miguel Sousa.

## AO MARQUEZ DE POMBAL

Em quanto em Portugal ergue-se o povo,  
Para dar de civismo um grande exemplo,  
O povo do Brazil segue-o de novo  
As mesmas aras d'esse mesmo templo.

Hontem... era uma sombra gloriosa,  
Que através de tres seculos s'estendia;  
Hoje... — uma luz potente e radiosa,  
Que brilha em pleno cêo, em pleno dia.

D'entre as mais bellas paginas da historia  
D'esse paiz de heroicas tradições,  
Do marquez de Pombal surge a memoria:  
Agua pousada em antro de leões!

De um lado: a Inquisição, como a procella  
Fugindo espavorida d'esse Imperio;  
D'outro: Lisboa — resurgindo bella  
Das ruínas de um vasto cemiterio...

E sobre o pedestal, cercado d'isto:  
— Os quebrados grilhões de Portugal —  
Solemne, altiva, como a cruz do Christo,  
A estatua de Pombal.

Côrte, 8 de fevereiro de 1882.

MUCIO TEIXEIRA.

— 189 —

## MARQUEZ DE POMBAL

A nova geração que levanta a fronte aureolada  
A pelos esplendores da liberdade, que olha para  
o futuro e n'elle divisa um horizonte vasto e brilhante,  
procura hoje no grande livro da historia  
aquelles heróicos a quem os povos devem os mais assignalados serviços,  
e vai com o facho da justiça  
saudal-os e engrandecel-os.

Cada nação busca com legitimo orgulho collocar no panteão da gloria os seus grandes genios;  
os homens extraordinarios que foram o seu assombro e desvanecimento: poetas, historiadores, politicos,  
navegadores audazes, philosophos e os grandes genios da ciencia.

A França saia Voltaire, a Italia o seu Dante, a Alemanha o seu Goethe, a Hespanha o seu Calderon, Portugal e Brazil, que são dous povos irmãos, o seu Luiz de Camões, o hoje o vulto mais colossal e mais audaz, Sebastião José de Carvalho. Mas quem é este homem?

Não foi poeta, não foi historiador, não foi philosopho e contudo o seu nome não esqueceu no periodo de cem annos! Nascermos a ouvir fallar n'elle, como se fôr um gigante terrivel, grande, austero, sublime!

Que fez?! Elevou Portugal a uma nação de primeira ordem, diminuiu os horrores d'esse infame tribunal chamado a Santa Inquisição, organizou um exercito, deu um poderoso impulso ás colonias portuguezas, animou e protegen a agricultura, reformou os estudos da Universidade, dando-lhes uma direcção mais util e mais scientifica, levantou escolas e academias, quebrou os ferros da escravidão no continente do reino, reformou a justiça, expulsou de Portugal os jesuitas, levantou uma cidade sobre as ruínas d'um terremoto, tornou o nome portuguez respeitado e temido!

Abate o orgulho da nobreza, lança as bases d'uma grande revolução social.

Tudo isto fez aquelle immenso e admiravel genio, que a nação hoje saúda como um protesto eloquente á sua memoria.

Foi cruel na sua justiça!

Mas colloquemos os homens na sua epocha, no meio em que viveram, na sociedade que tinham de frente a contrariar-lhes as aspirações, e só d'este modo os poderemos devidamente apreciar.

Foi um grande genio; os erros que lhe podem apontar em nada diminuem o seu vulto colossal. Tambem o sol tem manchas e entretanto o esplendor dos seus raios fecundam e maravilham.

Camões levanta ainda hoje o espirito nacional com o seu immortal poema; a memoria do grande estadista portuguez faz-nos empunhar as armas da liberdade contra os descendentes de Loyola, os inimigos da luz, que fundam o seu poderio na ignorancia e na miseria do povo.

Saudar, pois, hoje o heroe que levantou a patria ao apogeu da gloria, não é sómente justiça, é mais ainda, — é gratidão!

Lisbon, 1882.

Costa Goodolphim.

## O Marquez de Pombal

Foi a força e a gloria da sua nação!

Entre as grandes e illustres influencias individuaes, que dominam, restabelecem, fundam e sustentam os Estados, ninguém negará o primeiro lugar a esse ministro de D. José I de Portugal.

Apenas empessado no poder, fez sentir a todos os reis que Portugal reconquistaria o seu poder. E Portugal foi rehabilitado.

Era mister conter o crime o pamil-o; e Pombal realiso esse grande desideratum, empregando a maior severidade.

Quem como elle governou Portugal á sua discrição e por longos 27 annos, deixando de seu governo a abundancia, a prosperidade, o adiantamento social e a moralidade, deixando ainda os cofres publicos repletos de ouro, — não necessita de mais titulos á gratidão nacional e á perpetuidade de seu nome na historia.

Os jesuitas se haviam constituido um colosso enorme, e que parecia inexpugnavel, em Portugal: seu poder era immenso; e, apesar de reconhecida-mente prejudiciaes, ninguém ousava combatel-os.

Pombal os atacou de frente e flanco: os jesuitas foram expulsos de Portugal e seus dominios. A intelligencia, o vigor d'esse ministro de Estado, bastaram para vencel-os e rechagal-os.

Pombal, n'aquelle tempo e sob um dominio absoluto, foi mais liberal e patriota, do que são hoje os chamados estadistas de paizes que só dizem livres, mas que, egoistas, tremem diante da ameaça d'uma irrisoria censura de Roma.

Se da administração de Pombal só esse facto estivesse registado, bastaria para eternisar o seu nome e conferir-lhe o titulo de eminentissimo estadista e denodado patriota.

Em quanto os Bismarks transigem, Pombal, em epocha muito mais difficil e em frente do mais ousado e poderoso inimigo, foi sempre severo, intransigente, e manteve inalteravel coherencia. Era sincero: tinha opinião assentada.

Fez conter a ambição da Hespanha, reformou a universidade de Coimbra, fundou uma academia de commercio, disseminou escolas publicas nas provincias, e, além do mais, só elle com a sua força de vontade, suprema energia e patriotismo, conseguiria levantar a soberba e elegante Lisboa sobre as ruínas d'uma cidade aniquilada pelo terremoto.

A celebridade de José I consistiu em ter tido Pombal por seu ministro!

Rio de Janeiro, 12 de fevereiro de 1882.

JORQUIZ SALGADO MARINHO.

— 189 —

## O Marquez de Pombal

Quanto mais altas forem as figuras que se levantam no pedestal da historia, impondo-se á veneração dos posterios, tanto maior deve ser a distancia, no extremo da qual haja de celebrar-se a apoteose.

A projecção de cem annos não basta para um homem que, com um simples gesto de titan, reedificou, arrancando-a dos escombros das ruínas, uma cidade.

A revolução interna e externa, profunda e transformadora, operada ao influxo do marquez de Pombal, absorveu no seu vortex, como todas as revoluções, centenas de victimas!

Um seculo, desdobrando-se sobre os acontecimentos, é pouco para enxugar as lagrimas, para apagar a nodosa do sangue, ainda morno, e para fazer desaparecer, até ao ultimo vestigio, a herança do odio, deixando brilhar, em todo o seu pristino esplendor, a obra gloriosa do genio.

A epica estatua de Pombal exige, para ser desassombradamente julgada, um espago de trezentos ou quatrocentos annos.

Porque os revolucionarios, embora morram pregados na cruz, como o Nazareno, martyr da sua doutrina, orvalhando com o sangue das veias o decalogo do seu apostolado, provocam fatalmente por entre o hosanna do triumpho o Crucifixo da exeração.

A par do jubilo dos fracos que se libertam, ha sempre a represalia dos despotas que amaldiçoam. O aê dos opprimidos resou ha muito.

O cello rancoroso dos oppressores extingui-se-hia já?

Eis o que vai dizer-nos o primeiro centenario do marquez de Pombal.

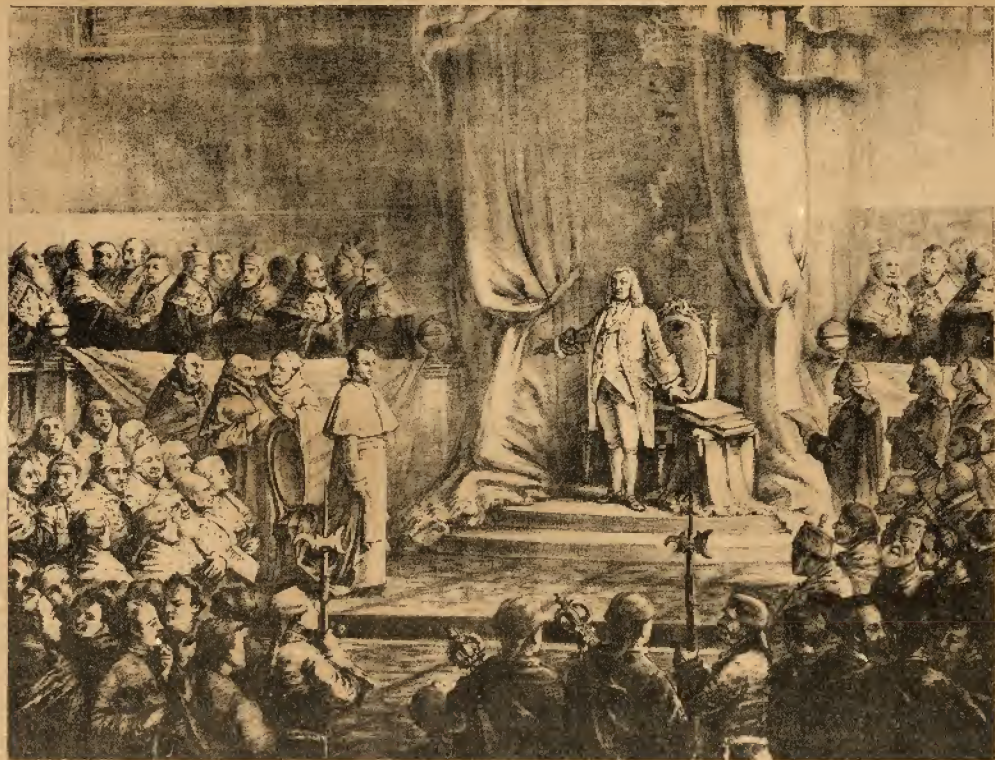
GUOMAR TORREZÃO.



HOMENAGEM AO MARQUEZ DE POMBAL







O Marquês de Pombal entrega, em nome de D. João V, os estatutos que reformam a universidade (1773), e apresenta o novo reitor D. Francisco de Lima



Natureza estorpeira do genio de Pombal conserva ainda hoje um dos pontos mais contrastes do continente sul-americano: a velha e quasi deserta cidade de Alentejo. O grande estadista aos seus senhores de futuro possuía por ali fundas a capital d'um immenso imperio.

Rio de Janeiro, 7 de fevereiro de 1882.

SCHACHTLE J. A. V.

#### COMO PORTUGAL SE FAZIA RESPEITAR NO TEMPO DO CONDE D'OEIRAS

Como este jornal se destina á glorificação posthuma de um dos homens de Estado a quem, n'estes ultimos seculos, Portugal mais deve, nãoerei em um dos ultimos a prestar a homenagem da minha veneração a esse alevantado espirito, que, por muito dolorosas que fossem as máculas que empedalavam parte da aureola apologetica da sua villa administrativa, prestou contudo serviços tão assinalados não só ao seu país, como á causa da civilização europeia, que a sua memoria não podera deixar de merecer sempre o respeito grato e venerando das gerações futuras.

Eu quero unicamente referir um facto, não novo de certo, mas cuja rememoração tem a grande utilidade de avivar um exemplo de elevado patriotismo, pela grata lição de civismo e hombridade que traz.

Tendo, durante a administração do marquez de Pombal, então conde de Oeiras, sido queimados pela marinha britannica, na costa de Lagos, alguns navios francezes ás ordens de mr. de la Cite, o ministro de D. José I pediu immediatamente a devida reparação á corte de Londres, fazendo-o com uma tal firmeza e energia, que o rei Jorge não só mandou a Lisboa um embaixador extraordinario, lord Quinault, para dar todas as satisfações da affronta praticada para com a nação portugueza, como o proprio plenipotenciario em uma audiência, para que haviam sido convidados todos os ministros estrangeiros, exproubrou o procedimento dos officiaes inglezes, dando fe plena e real da irresponsabilidade do seu governo em um procedimento que era o primeiro a lamentar e a censurar.

Este facto, já de si importante, duplica porém de valor, conhecendo-se o desasombro, e a arrogancia até, de varios periodos inscriptos nas tres notas enviadas pelo conde de Oeiras ao governo britannico, a proposito d'esta questão.

Sendo o principal intuito d'este ligeiro artigo, tornar bem conhecidas algumas das phrases mais energicas d'essa correspondencia diplomatica, aqui as deixo transcritas.

Na primeira nota, dirigida pelo ministro de Portugal aos dos negocios estrangeiros de Inglaterra, lê-se:

«Sei que o gabinete inglez tem adquirido grande influencia sobre o nosso, porém também sei que é chegado o tempo em que deve acalhar. Se os meus predecessores tiveram a fraqueza de conceder á Inglaterra quanto exigiu, eu só lhe concederei o que for do direito. Tal é a minha resolução».

No terceiro despacho, mais desenvolvido, e motivado pela reticencia da Inglaterra em dar a satisfação exigida pelo insulto recebido, dizia o conde de Oeiras, entre outras cousas o seguinte:

«Pouca consideração lograva-se na Europa, quando já por todas as nações eram os respeitados: a vossa illa não era mais do que um ponto na superficie do globo, e o nome portuguez ressoava já nas quatro partes do mundo: dominavamos na Asia, na Africa e na America, quando não possuimos mais que uma pequena illa na Europa. O vosso poder era tal, que só a segunda ordem devies aspirar: porém conseguistes elevar-vos á primeira, com auxilio dos meios que vos ministramos».

«Nos ultimos cincoenta annos tendes extrahido de Portugal mais de mil e quinhentos milloes: a historia não menciona nem alguma que enriquecesse outra com semelhante somma».

«Por uma estulticia sem exemplo na historia universal do mundo economico, toleramos que nos ministros todos os objectos de um luxo, que é assas consideravel. A nossa custa subsistiam 500.000 artistas, subditos de Sua Magestade Britannica. As produções dos vossos campos nos alimentam; tendes substituido os nossos lavradores por cultivadores inglezes. Hoje a Inglaterra nos subministra os seus grãos, outr'ora consumia os nossos. Haves arroteado os vossos campos, ao passo que deixamos os nossos em baldio, etc. etc».

«Porém lembrai-vos de que, se vos temos elevado ao auge da grandeza, de nós só depende o despenhar-vos no mesmo nada de que vos fizemos sahir. Uma só lei pôde prostrar o vosso poder, ou, pelo menos, enfraquecer o vosso império. Basta prohibir, sob pena de morte, a sahida do nosso ouro, para que esse a sua exportação».

«Porém, não vos illudais: eu fiz rodar o dique de Aveiro por haver attentado contra a vida do rei e porque também mandei enforcar um dos vossos capitães se despezar a lei. Ha tempos nas monarchias, em que tu só homem pode muito: não ignores que Cromwell, em qualidade de protector da republica, mandou executar o irmão de Sua Magestade Britannica, por haver assentido a uma commoção publica: sem ser Cromwell saberei igual-o, em qualidade de ministro protector de Portugal. Não farei o que posso, se fizesdes o que deveis».

No meio do abatimento politico a que chegam, é consolador ainda ver como outr'ora nos faziamos respeitar e considerar do uma das já então mais poderosas nações da Europa.

O paralelo d'essas épocas com a actual é bem triste sem dúvida; mas no entretanto, que mais queremos nós, se continuamos a possuir a amizade tão sincera como desinteressada d'essa nossa fiel aliada, a Inglaterra?

Como as cruzes regadas do grande ministro de D. José I se teriam commovido nos recordos corroidos do seu tumulo, se tivessem podido presenciar todas as phases lancinantes por que têm passado os lrios do nosso querido Portugal, desde que a morte aniquilou aquelle espirito activo e audaz?

Manoel Ab. Rodrigues.

## SIGNIFICAÇÃO

### CENTENARIO DE POMBAL

Em 1880, celebrando o tricentenario do immortal poeta Luiz de Camões, o povo portuguez mostrou consciencia da sua vida historica e deu signaes evidentes de que em seu seio começava a elaborar-se uma renovação de todos os elementos organicos da nacionalidade. As festas civicas em honra do grande épico foram como que o despertar do paiz que ha tres seculos dormia á sombra das suas tradições gloriosas, enervado, abatido, quasi morto pela acção mephitica e deletéria da instrução jesuitica e do regimen monarchico. A forma por que se manifestou o sentimento nacional, tão espontanea e tão unanime, é uma prova bem frisante e incontestavel de que a nação portugueza entrou enfim n'um periodo de reorganisação. Mas, como succede com o corpo humano, que não passa, de repente, d'um estado de doença para um estado saudavel, sem atravessar uma phase mais ou menos longa de convalescença, também na sociedade se dá um phenomeno identico, também o organismo social antes de chegar ao estado de pleno desenvolvimento passa por uma phase transitoria, durante a qual os novos elementos de vida vão triumphando gradualmente dos elementos moribundos e corrompidos que o estiolavam. A sociedade portugueza acha-se exactamente n'este momento de transição. Não devemos, portanto, desesperar, nem qualificar de ficticio e illusorio o sincero enthusiasmo levantado por occasião do tricentenario de Camões. As imponentes manifestações promovidas contra o tratado de Lourenço Marques e contra os jesuitas são symptomas indubitaveis de que Portugal entrou no caminho da sua revivescencia. A luta contra os principios monarchico e clerical está travada, e de dia para dia accentua-se a força esmagadora e inquebrantavel das novas ideias.

O centenario do marquez de Pombal fornece-nos uma nova prova do que vimos de avançar. Esta commemoração é um protesto, que promete ser energico e digno, contra o espirito reaccionario, embora á primeira vista pareça a glorificação do cesarismo mais despotico e mais revoltante, porque de facto o marquez de Pombal é o typo portuguez, que melhor representa o engrandecimento e o triumpho definitivo do poder monarchico absoluto. Mas é certo que foi também esse grande ministro o iniciador da guerra contra a Companhia de Jesus e o primeiro que ousou expulsar os d'um Estado catholico, na segunda metade do seculo xviii; e é só sob este ponto de vista que se celebra o primeiro centenario do fallecimento de Sebastião José de Carvalho e Mello.

Não discutimos aqui os actos do omnipotente ministro de D. José, nem indagamos sequer os motivos que o levaram a tomar uma attitude audaciosa e independente em face dos poderosos jesuitas, para nos occuparmos só e exclusivamente da verdadeira significação d'estas festas civicas. Se é pouco ou nada sympathico o vulto notavel do marquez de Pombal, em razão das suas vinganças sangrentas e dos seus erros governativos, é pelo contrario bastante louvavel e digna de applausos a idea que a nossa mocidade academica ligou á commemoração d'este centenario: o exacto dos decretos do marquez de Pombal e Joaquim Antonio de Aguiar, a respeito de todas as ordens religiosas, e a inspecção rigorosa do ensino para obter os progressos da reacção religiosa.

N'estas poucas palavras está a comprovação de que o centenario do marquez de Pombal é mais um symptoma da reorganisação nacional, que tende a effectuar-se pela eliminacão da realza e de todas as influencias religiosas.

1882 — 7 de março.

TEIXEIRA BASTOS.

No XVIII seculo era chegado o momento de substituir a dictadura theologica pela dictadura socio-critica; isto é, por um governo que mantivesse a ordem material e garantisse a plena liberdade espiritual, supprimindo todos os privilegios. Pombal teve a gloria de conceber quanto em si coube para este resultado. Eis o que o constituirá eternamente um dos benemeritos da humanidade.

Rio de Janeiro, 11 do Hammer do 84  
(8 de fevereiro de 1882).

RAYMUNDO MENDES.

## MARQUEZ DE POMBAL

Eu desço e v. exc.<sup>a</sup> sobe — respondera o marquez de Pombal a um fidalgo, que, subindo, o interrogara nas escadas do Paço, pedindo novas do rei...

Portugal, que tanto desejava, descendo o ministro, hoje, que este sobe, subia também?... No tempo do marquez cumpria-se para não legislar, hoje legisla-se para não cumprir...

LEONARDO TORRES.

## POMBAL

Os homens, na sua pluralidade, são uns transitorios elaboradores de residuos; aquelles que, além dos residuos, elaboram ideias, — são os que constituem a historia e se inerustam n'ella á perpetuidade. Façam abstracção dos homens excepcionaes, e toda a historia da humanidade se reduzirá á simples definição zoologica: «Homens — animaes mamíferos, da ordem dos primates, familia dos bimanos».

Rio de Janeiro, 1882.

Veseliano Carvalho.

## O MARQUEZ DE POMBAL

Entre os grandes homens de Portugal occupa incontestavelmente o primeiro lugar o marquez de Pombal, que, na opinião do principe de Metternick, foi um dos vultos mais notaveis do seculo xviii.

Com ter sido um d'esses genios que raro apparecem no mundo politico, reunindo á altivez e implacabilidade dos Richelieu, a subtilidade e astucia dos Mazarini e a obstinação e audacia dos Alberoni, não nolo apresenta immaculado a historia imparcial; mas os erros que commetter, romiti-os o eminente estadista por actos de acrisolado patriotismo, com que salvou sua nação de total aviltamento, vencendo sérias difficuldades que se oppunham ao livre exercicio de sua autoridade.

Quando acontece subir ao poder um homem de carater energico, firme em seus desígnios e que nada é capaz de arredar do caminho que premeditou trilhar, esse homem arrasta facilmente os outros em seu seguimento. Os que se rebelam contra elle são esmagados, e os descontentes limitam-se a murmurações inuteis; os homens activos convertem-se em instrumentos n'essa mão robusta que regula todos os movimentos da machina social. Tal foi Sebastião José de Carvalho e Mello, innovador atrevido e perigoso, subjugando a aristocracia facciosa, destruindo o monopolio pedagogico e o mercantilismo da Companhia de Jesus, para dotar o povo com instituições que tinham em si as fontes do mais vasto progresso. Commercio, lavoura e industria, exercito, marinha e justiça, governo civil e ecclesiastico, tudo recebeu nova organização, em tudo se assignalou o dedo do gigante.

Acima de todo o elogio está o tino financeiro do infatigavel administrador. Apesar da reedificação de Lisboa, extincção dos jesuitas, estabelecimento de innumeras fabricas, escolas publicas e institutos philanthropicos, reforma dos estudos o guerras que occorreram no seu tempo, deixou, ao sahir do ministerio, quarenta e oito milloes de cruzados no erario real e trinta nos cofres das decimas, riqueza que jámais se tinha ajuntado desde a descoberta das minas.

O mais bello titulo de gloria do grande marquez é essa serie de projectos que ideou e realçou por todo o reino para inaugurar um systema completo de educação moral, religiosa e social, fazendo vir do estrangeiro os Vandelli, os Franzini, os Dullabellas, os Blascos e outros que collaboraram na regeneração do ensino, de modo que dentro em pouco o gosto das sciencias, letras e artes se difundiu geralmente e sabios distinctos as illustraram com seus escriptos.

Mal desceu ao tumulo o rei que, por excepção, nunca lhe fora ingrato, seguiu o marquez de Pombal caminho do exilio, onde se finou; mas a geração nacional que nasceu de sua obra foi a que, ensaiando-se na sombra como obreiro invisivel da civilização, veio a fundar os gloriosos movimentos de 1820 em Portugal e de 1822 no Brazil.

Credor da eterna gratidão de dous povos, assiste-lhe indubitavel direito a alguma das provas de reconhecimento que soem dar-se aos benemeritos da patria.

Rio de Janeiro.

DR. JOSÉ MANOEL GARCIA.



## O MARQUEZ DE POMBAL

OS ADVERSARIOS DAS REFORMAS

O homem, a quem a posteridade concedeu o epitheto de *Grande ministro* d'el-rei D. José I, deixou assignalada a sua passagem nas regiões do poder por muitas e importantes reformas, que elevaram Portugal ao nível das nações mais cultas e respeitadas d'aquella idade. Porém, se esse ministro foi grande pela empreza gloriosa, a que metteu hombros, a grandeza do seu nome foi ainda maior pela lucta gigantesca em que se empenhou, e de que sahiu vencedor, para realisar aquellas reformas; pelo acerto e promptidão das providencias com que acdiu a Lisboa, prostrada por um horrivel cataclysmo, e pela rapidez com que a fez resurgir d'entre as ruinas, mais formosa do que outr'ora.

Chamado aos conselhos da corôa, logo que el-rei D. José empunhou o sceptro, Sebastião José de Carvalho e Mello encetou com passo firme, e seguiu ávante com animo resolutivo, o caminho das reformas em todos os ramos da administração publica.

Foi uma verdadeira revolução social iniciada pelo governo; e que mais havia de ter, forçosamente, como teve, o seu complemento — a implantação da liberdade.

Essa revolução provocou a mais tenaz resistencia das classes e corporações que se sentiram feridas nos seus privilegios e regalias, ou no predomínio a que estavam affeitas.

A nobreza foi a primeira a enristar a lança contra o ministro ousado. Oppoz-se desde logo franca e abertamente á torrente dos novos principios constitutivos, que dinamavam da corôa, tendentes á alforria do terceiro estado, e á consolidação da autoridade real. E, quando viu baldado o seu esforço, a parte da nobreza que mais facilmente se deixou arrastar pela violencia das paixões recorreu primeiro ás intrigas e machinações com o fim de desconceituar o ministro e de amedrontar o soberano, depois á conspiração contra a vida do rei.

Ao attentado mal succedido em a noite de 3 de setembro de 1758 seguiu-se, com curtos intervallos, a prisão, condemnação e execução do duque d'Aveiro, dos marquezes de Tavora e de outros fidalgos e populares, accusados de regicidio.

A opposição da nobreza ficou afogada no sangue d'aquellas miserias victimas. Mas outra se ergueu logo, ainda mais forte pelo vigor e tenacidade das intelligencias que a dirigiam, e pela efficacia dos meios d'ação de que dispunha.

Esse novo e mais potente adversario foi a Companhia de Jesus. Os filhos de Loyola, que sonharam com arte e perseverança, no decurso de dous seculos, assechorear-se, quasi geralmente, da educação da juventude, e assentar solidamente a sua influencia, por meio do confessoriano, no seio das familias, incluindo a do proprio soberano; que para chegarem a este fim, luctaram com tenacidade, no principio com o povo, que instinctivamente os repelia; no diante com a universidade de Coimbra, que os guerreava por causa da universidade d'Evora, por elles fundada; e depois com a inquisição, que tinha cimos e se temia do seu crescente poder; os jesuitas, finalmente, que sahiram triumphantes d'essas luctas perigosas, — atendendo com a sua subtil penetração, que o ministro arrojadissimo minaria pelos alicerces o poderio, e talvez a existencia da Companhia de Jesus, — trataram de o combater a todo o transe.

Arcando nas trevas com o colosso que os assechava, conseguiram pôr do seu lado dous auxiliares importantissimos: a rainha D. Maria Anna Victoria, esposa d'el-rei D. José e o infante D. Pedro, irmão do monarcha, e mais tarde rei, pelo seu consorcio com a herdeira da corôa.

Com taes adversarios parecia eclipsada a boa estrella do ministro, e certa a sua queda. Escurceu-se, não ha duvida, o horizonte politico, e não tardou a rebentar a tempestade, mas os seus raios sómente derrubaram a poderosa Companhia de Jesus.

Triumphára o marquez de Pombal do seu mais perigoso inimigo. Triumphára, não donando-lhe simplesmente a resistencia, como donára a da nobreza, mas sim aniquilando-o pela expulsão do reino e sequestro dos bens.

Não se julgou, porém, que esta victoria deu soco ao paiz e tranquillidade ao ministro, desaffrontando-lhe de tropeços o caminho das reformas. Os genidos dos justicados no largo de Belem ainda ecoavam pavorosamente no seio de centenas de familias, accendendo em todas odios implacaveis, e em muitas o desejo de vingarem o sangue

dos parentes, ou dos amigos, ou dos amos, derramado com ignominia, e no meio de cruelissimos tratos, pela mão do carrasco.

A Companhia de Jesus, qual arvore gigantesca e frondosa, robustecida por um sólo fertil, e por benfazejas auras no correr de seculos, agora derrubada pelo tufão da politica, deixára o reino alastrado das suas raizes, arraigadas nos peitos e nas consciencias, não só dos fidalgos, mas tambem dos populares. Não foram os unicos a lastimal-a os que tinham sido instruidos nos seus collegios, e que então occupavam cargos eminentes nos diversos ramos da administração publica; tambem deploravam a sua desappareição todos os que recebiam dos jesuitas direcção espirital, ou conselho nas lides difficeis da vida, ou conforto e auxilio nos lances do infortunio. E não era pequeno o numero d'estes.

Ao abalo produzido em a nação por estas duas catastrophes, precedidas de perto pelos horrores do cataclysmo, que destruiu Lisboa no 1.º de novembro de 1755, acresecaram ainda novos motivos de desgosto publico, por causa das dissensões do governo com a corte de Roma.

Foi n'estas circumstancias gravissimas, que se levantou diante do ministro destemido um novo e nui temeroso inimigo, que até então presenciára, em calculada indifferença, os reptos da nobreza e da Companhia de Jesus com o poder real. Esse campeão novel contra as reformas e contra o reformador, era o tribunal do Santo Officio.

Confiado no terror, que a todos inspirava aquelle terrivel tribunal, e crendo que as suas immuniidades de principe o punham a coberto das iras do ministro omnipotente, e inquisidor geral, D. José de Bragança, filho legitimo d'el-rei D. João V, d'accordo com todos os membros do Santo Officio, atacou de frente o governo, com desaeito da autoridade régia.

Pois tambem d'esta vez ficou triumphante o marquez de Pombal. O inquisidor geral D. José de Bragança e seu irmão D. Antonio, a despeito das diligencias empregadas pela rainha e pelo infante D. Pedro para valem a suas altezas, foram destrerrados para o Bussaco, onde expiaram em rigorosa reclusão o arrojio de se atravessarem ante os passos do ministro reformador.

No meio de luctas tão continuas e obstinadas, e ao embate de tão grandes e oppostos interesses, acenderam-se as paixões. Os odios e os desejos de vingança levaram a commetter excessos e violencias aos que sentiam rebover-lhes no peito, com maior força, essas ruins sentimenções. O ministro, que provocára com as suas reformas a guerra tão obstinada, não podia eximir-se, como homem, ao influxo malefico das paixões incendidas. E immogavel, que a justiça algumas vezes se tornou cruel, assumindo em outras occasiões o caracter de vingança pessoal. Mas ainda assim, para avaliar com verdade e rectidão esses actos, que os seus adversarios lhe lançam em rosto, como nodeas que lhe marçiam a gloria, é necessario julgal-os em vista dos costumes, das idéas e da legislação d'essa época, e em face da opposição que os seus inimigos lhe moveram.

So aquelles actos constituem cores escuras na biographia do ministro e no grande quadro historico, que denominamos reinado de D. José I, é certo, é indispulavel, que os claros, que illustram aquella biographia, e que illuminam este quadro, brillam e fulguram na historia de Portugal com todos os resplendores da gloria.

*Synopse de Vilhena Barbosa.*

O marquez de Pombal não só foi um grande estadista, mas um dos mais notaveis homens do seculo XVIII. Restaurou a prosperidade da sua patria, grangeou-lhe o respeito e acrescentou-lhe a importancia, cumprindo as facções, favorecendo o commercio, desenvolvendo as industrias, segundo as idéas então em voga.

Se quinhou e seguiu, como era inevitavel, alguns dos preconceitos economicos da sua época, muita vez se lhe adiantou em actos notabilissimos, que ficaram monumentos immorredouros da summa perspicacia e alcance do seu espirito.

Bastaria para lhe glorificar o nome o decreto chamado dos Indios.

Mau grado á perseguição tenaz e cega dos odios, sublevados em 27 annos de governo e de lucta, a posteridade presta honrada e honrosa homenagem á sua memoria, vingando-a de affrontas immercedas — e elle merece a justiça da posteridade!

Paris, 6 de março de 1882.

Alcides Leal.

Os estadistas da escola do marquez de Pombal representam na historia as circumstancias attenuantes do despotismo. Com elles a tyrannia governa melhor. Sem elles a liberdade triumpharia mais depressa. A mim, pessoalmente, como a tendencia do meu temperamento é para amar aquelles que admiro, taes homens repugnam-me, porque, por mais que os admire, nunca os posso amar.

RAMALHO ORTIGÃO.

## O MARQUEZ DE POMBAL

Quem estudar, mesmo superficialmente que seja, a sociedade portugueza da primeira metade do seculo XVII, fica assombrado diante da espantosa energia que seria precisa a um homem só, para luctar braço a braço com essa sociedade, corroída por todos os vicios do fanatismo e da ignorancia, e impellida a um esforço herculeo para a vida da civilização do seu tempo.

A administração intelligente e vigorosa do marquez de Pombal constitue na historia da vida portugueza um verdadeiro periodo revolucionario. Tudo se modificou, refundiu e transformou sob a mão robusta e nervosa d'aquelle plebeu nobilitado. Não houve um ramo de administração publica, impostos, colonias, exercito, instrucção, industrias, commercio, agricultura, que escapasse aquella prodigiosa actividade reformadora.

Reformou tudo; mas de toda essa admiravel série de reformas poucas sobreviveram ao homem extraordinario que as concebeu e executára.

A enchente de fanatismo e de estupidez beata que alagava o paiz desde o reinado do *piadoso* D. João III, e a que o marquez de Pombal conseguiu pôr um dique com a reforma do ensino e com a expulsão dos jesuitas, inundou de novo o paiz logo depois da morte de D. José I, que foi tambem a morte politica de Sebastião José de Carvalho. A fradaria crapulosa e bruta, contida em respeito pelo tagante vingador do implacavel ministro, cujo olhar terrivel e frio os fulminava de terror e que ousara mandar queimar em pleno Rocio um velho jesuita tomo com as vestes da ordem para as extinguir pela infancia, desarmado esse braço e apagado esse glorioso olhar, grunhiu de contentamento bestial e espalhou-se de novo ás soltas por todo o paiz como uma enorme manada de cerdos esfomeados!

Então nada escapou á desforra da estupidez opprimida por quasi trinta annos d'um governo intelligente e severo! E da grande obra do marquez restou apenas o que a voracidade fradesca não pôde roer ou digerir.

E que as revoluções, para serem fecundas e duradouras, precisam de ser subterraneas como os terremotos. As revoluções que vem do alto podem revolver a terra, mas não fecundam o sólo. Revolução é synonymo de criação, e o poder é impotente para crear; apenas pôde educar. Só a grande alma do povo tem em si, como o mar, de que é a imagem na ordem intellectual, o segredo mysterioso da vida.

É isto que torna perfeitamente pueril e esteril a velha theoria dos grandes homens. Os grandes homens são apenas os representantes d'uma grande opinião, os interpretes d'uma idéa fecunda e luminosa, d'estas que agitam de quando em quando a consciencia humana na gestação dolorosa do progresso.

Assim toda a obra reformadora do marquez de Pombal, porque lhe faltou o apoio da consciencia popular, explorada, corrompida e bestializada por dizeitos annos d'um despotismo inepto e servilmente curvado ante a ferula theologica do catholicismo romano, veio ao chão e desfez-se em destroços, logo que a morte gelou o braço robusto que as amparava.

Quer isto dizer que foram inteiramente esteréis os esforços do marquez de Pombal em prol da regeneração economica e da emancipação intellectual do seu paiz?

Não quer. Ha uma acção governativa que deixa sempre profundos vestigios na consciencia dos povos sobre que ella se exerce; é a acção educadora da instrucção positiva ou scientifica e da iniciação civilisadora pelo fomento industrial; e essa exerceu-a Sebastião José de Carvalho com uma energia, com uma dedicação e com uma persistencia, que constituem o seu melhor e mais glorioso titulo ao reconhecimento dos seus compatriotas.

Mas bastaria aquella guerra de gigantes que elle sustentou a peito descoberto contra a Companhia de Jesus, prohibindo-lhe o ensino e toda a interferencia nos negocios do Estado até a expulsão do reino e seus dominios em 1759, concorrendo poderosamente para ella ser extinta em 1773 pelo Papa Clemente XIV, para dar jus ao marquez de Pombal a ter o seu nome inscripto no livro d'ouro da civilização europea.

Expulsando os jesuitas e insurgindo-se energicamente contra a insupportavel insolença pontificia, expulsando um anno depois o nuncio em Lisboa, o marquez de Pombal assentou definitivamente as bases da nossa emancipação intellectual, tornando possivel a larga acção reformadora de Mousinho da Silveira e a extincção das ordens religiosas pelo decreto de 28 de maio de 1834.

É esta acção revolucionaria no ensino, este largo impulso dado á emancipação do espirito nacional, anestesiado por todos os philtros do fanatismo, que indulta o grande marquez de todos os seus erros como estadista e de todas as suas violencias como politico, e que o torna gloriosamente odiado pela raça inextinguivel dos fanáticos, de que foi o heroico flagello pelo espaço, infelizmente bem curto, de vinte e sete annos.

Figureira do Foz.

ALEXANDRE DA CONCEIÇÃO.





Torre de S. Roque, chamada vulgarmente—  
Torre do Patriarcha



Igreja de S. Paulo



Basilica de Santa Maria



Casa da Opera



Igreja de S. Nicolau



Praça da Patriarchal





LIT. PORTUGUESA, A VAPOR DE S. SEBASTIÃO & CIA

PARA DO LARANJEIRA, 116 - PORTO.

### O MARQUEZ DE POMBAL PLANEIA A REEDIFICAÇÃO DE LISBOA

(CÓPIA D'UM QUADRO ESBOÇADO POR LOPO)

Personagens representados no quadro: Marquez de Pombal; Manuel da Maia, engenheiro-mór; Joaquim Ignacio da Cruz Sobral, negociante; El-Rei D. José (busto); Marquez d'Alegrete, presidente do Senado de Lisboa; e Duque de Lafões, regedor das justiças.



## OS DETRACTORES DE POMBAL

Parecia-nos que depois de cem annos decorridos por sobre o frio marmore de sua sepultura, não passasse sequer o menor echo d'um vezgar de odios mesquinhos e ruins paixões; parecia-nos até, que o adiantado da civilização e que as novas idéas claras e definidas fivessem arrancado em todos os homens d'hoje os prejuizos que avultavam em outros tempos em uma sociedade caedua, que de todo se esboron, quando a liberdade triumpante illuminou com a sua luz a todas as nações. No entanto, ainda hoje ha quem julgue injusta a veneratione de respeito, que se pretende votar ao marquez de Pombal!

Mas quem protesta contra o centenario do illustre homem d'estado? Os idolos do beaterio, e os admiradores dos filhos de Santo Ignacio!

Lisboa, março de 82.

SOUZA ROMEU JUNIOR.



Na indolencia fatal do fanatismo jazia a patria amada de Camões, e com Autos-de-fé e procissões sepultava um passado de heroismo.

Reinava o mais abjecto sensualismo; os jesuitas e o rei, entre orações, torturavam o povo nas prisões do Santo Officio, horror do Christianismo!

Já nem havia esp'rança de resgate; resignára-se ao triste desbarate o glorioso, o altivo Portugal!

Mas um vulto surgiu que, de improvizo, transformou este inferno em paraíso. Eterna gloria ao nome de Pombal!

Adriano Vieira.

## A CASA EM QUE FALLEceu O MARQUEZ DE POMBAL

Quem pela primeira vez visita a villa de Pombal e depara com a casa que serviu de domicilio por espaço de cinco annos ao soberano ministro de D. José I, depois que a morte d'esto monarcha o fez decahir do seu pedestal de grandezza, forçosamente fica contrariado na sua expectativa. E não é porque as alterações subsequentes lhe tenham roubado o caracter primitivo: parte das janellas e da disposição exterior conservá a apparencia antiga, e hem mostra que esta habitação nunca foi mais que mediotre para um homem abastado.

Contam que, sendo propriedade do conde de Castello Melhor, este se não prestou a ceder-a aos desejos do marquez; Pombal não insistiu e fez edificar a caadua da villa em posição que lhe obstruísse a frente. Mais tarde obteve-a, e com certeza a manteve no estado em que a encontrou, absorvido, como andava, nos cuidados da sua desgraça.

A casa, sufficientemente extensa, está hoje fraccionada e em poder de diversos particulares. Em parte d'ella, porém, o que do mais notavel se offerece á nossa curiosidade é o aposento em que, é tradição constante, o marquez de Pombal morreu. É uma quadra acanhadissima com uma só janella gradeada. Em outro tempo não poderia ter sido maior porque as paredes divisorias são talvez as antigas; e, sendo assim, pode com probabilidade apontar-se qual seria a posição do leito. A segura e apertada grade de ferro que defende a janella, exprimindo uma medida de prudencia, é um testemunho valioso em garantia da tradição.

As vindictas dos presos d'Estado, postos em liberdade logo que a lordeira de D. José subiu ao throno; a reacção muito natural que se ergueu contra a oppressão passada, no momento em que se abriam os portos das Malas e da Junqueira; a exaltação popular contra o marquez, asperada pelas instigações clericas, que mostravam compassivamente todos os indultados como as victimas impolitas do despotismo e da intmidade do valido preponderante, tornavam esta precaução indispensavel.

Já quando o marquez, depois de receber a exoneração formal do seu cargo, viera de Lisboa para Pombal, se julgou necessario que uma força militar o acompanhasse para o proteger das iras populares.

Entrando na estreita camara, uma evocação intuitiva nos representa aos olhos do espirito as lastimosas peripécias que ali tiveram lugar!

Naquella alcega foram pela primeira vez recebidos pelo marquez enfermo e alquebrado os dous emissarios encarregados do questionario, destinado a esclarecer o processo juridico que lhe moveram os seus adversarios, accusando-o de toda a ordem de delictos e, mais que tudo, dos crimes de peccado que á sombra da autoridade regia exercera.

A dous dos seus mais encarnicados inimigos tinham confiado esta missão, que elles desempenharam com um pretexto para represalias pessoais. Na sala proxima, quasi durante sete mezes consecutivos, o dictador altivo e omnipotente do reinado anterior foi apertado n'um interrogatorio caviloso, em que, acobertados com as exigencias d'um pro-

cesso criminal, os dous adversarios cevaram n'elle a sanha dos seus odios.

Foi ali na sala contigua a esta camara que aquelle homem imperturbavel, com a decadencia, como em todos os lances difficeis da sua vida, mostrou sempre a firmeza do que era feita a sua grande alma; aquelle homem, que depois do passamento do rei, no meio dos clamores e da reprobção geral, simplesmente para revolver em espiritos os que lhe eram adversos, continuou inalteravel, frequentando os regios paços, sem querer abdicar as suas funcções de secretario d'Estado, affrontando desdenhosamente as satyras e as vaias dos cortejos que o detestavam, e até dos proprios que pouco antes rogavam na sua presença a face pelo chão: — foi ali n'essa sala, dizemos, que o marquez na ultima sessão do seu interrogatorio se deixou vergar ao peso da sua adversidade, cahindo de toda a altura da sua individualidade até á humilhação de implorar com supplicas chorosas a clemencia e a compaixão da rainha, para que lhe valesse na adjectiva posição em que se achava!

É desoladora esta scena, em que um grande homem desmente um passado de corajosa alizez com um acto de pusillanidade!

Ali inutilmente tinha cogitado e escripto com todo o fel e vehemencia das offensas que recebera os extensos e energicos libellos, com que ataca a nova administração, sob a forma de contradição, que oppunha aos processos judiciais que o assaltavam.

Finalmente, aladido pelos continuos desgostos e pelos padecimentos de lepra que lhe dilaceravam o corpo, foi ali que elle recebeu o mais profundo golpe — o decreto que o declarava réo e merecedor de exemplar castigo.

O doloroso abalo, que produziu no seu espirito pundo-noso e risido esta ultima afronta, mal poderia ser suavisado pelos carinhos da esposa e das filhas, que eram inseparaveis do seu leito, como elle mesmo o diz.

Pouco mais de oito mezes sobreviveu: n'uma quarta-feira, 8 de maio de 1782, pelas seis horas e meia da tarde, entre aquellas quatro paredes que poucos passos deixam mediar, exhalou o ultimo suspiro o omnipotente ministro, cujo nome echava em todo o reino com o terrivel prestígio da sua justiça politica, — o maior vulto portuguez dos tempos modernos, o estadista enorme que com o impulso da sua vontade sustou o ruinoso abalimento da nação e inaugurou uma nova época de civilisadora reorganização e progresso!

O cadaver foi embalsamado e deposto na igreja de Santo Antonio, hoje conhecida pela denominação da Senhora do Cardal.

As honras fúnebres, ás quaes assistiu o bispo da diocese D. Francisco de Lemos, que se conservou fiel á gratidão que lhe devia por o haver elevado ás suas dignidades, foram celebradas com grandissimo concurso de povo e muita elegancia, e o elogio conmemorativo, que passa por um modelo do genero, redigido pelo fr. Joaquim de Santa Clara.

Ainda os seus inimigos não desengeneram, e da pompa fúnebrica extrahiram novo pasto á sua vingança: o ministerio dirigiu censuras ao bispo de Coimbra, e mandou o monge beneditino desterrado para o mosteiro de Tibães!

Em 1836, no dia 16 de junho, foram os despojos mortaes transportados para Lisboa, onde se encontram hoje. O esquife, onde estiveram abrigados por setenta e quatro annos, ainda se mostra em Pombal: é amplo e mede de comprimento um metro e oitenta e oito centimetros.

Coimbra, março de 1882.

A. A. GOSGALVES.

As minhas actuaes occupações não me permittem acceder ao honroso convite do CLUB DE REGATAS GUANABARENSE de collaborar para o jornal commemorativo do centenario do marquez de Pombal. Se eu tivesse tempo para escrever alguma cousa, desenvolveria as idéas contidas no seguinte trecho d'um livro que acabo de publicar com o nome de *Questões de politica positiva*:

«Portugal teve o seu Pombal, como a Hespanha o seu Carlos III, como a Austria o seu imperador José II, como a Toscana o seu granduque Leopoldo. Estes notaveis estadistas não poderam lutar efficazmente contra a corrente que trazia o impulso de dous seculos. Mortos elles, as cousas continuaram a tomar o antigo caminho, até que o vento das idéas modernas, originado nas tempestades da revolução franceza, e meio seculo de luctas transformaram a Europa».

Par. 94.

Lisboa, 6 de março de 1882.

A. DE SERPA.

São tão multiplices e variadas as feições d'este grande genio, o marquez de Pombal, na resolução de tão graves e profundos problemas sociais e politicos andou elle envolvido, que hoje, quando o queremos encerrar á luz do nosso tempo, ao ensergarmos-lhe alguma mancha e defeitos na sua prodigiosa obra reconstructora, não podemos deixar de lhe reconhecer os altos predicados d'um homem que foi eminente na sua época, e que é e será grande e um dos maiores entre os maiores vultos da historia. Outro qualquer, a não ter os largos hombros d'este valente athleta, succumbiria vencido na sua tremenda batalha contra o fanatismo e a inquisição, ou em meio d'estas porfidias luctas deixaria de voltar os seus cuidados para os negocios que mais interessassem o paiz.

Assim não procedeu o marquez de Pombal; em quanto os seus implacaveis adversarios o julgaram embeibado nas peripécias d'esse terrivel e perigoso combate, elle, rodeado dos homens da sua confiança — que infelizmente não são tão conhecidos como deveriam sê-lo — consultando-os, ouvindo-lhes os conselhos e attendendo ás suas objecções, tratava de remodelar e reconstruir a sociedade do seu tempo, rasgando com a sua mão vigorosa o Indico, proscrevendo o methodo jesuitico do ensino, dando impulso á instrução, incitando o commercio, animando a navegação, creando fabricas e indústrias, disciplinando o exercito, e colonisando o Brazil.

Esse homem, a quem injustamente Voltaire chamava um tyrannete, que, na rude linguagem do povo, tinha pélos no coração, que não trepidava em fazer espadanar sangue para ter a alegria de vêr vingar as suas idéas, teve momentos na sua vida, em que sobreexcedeu em estatura os mais eminentes homens do seu tempo. As leis de 1761 e 1773, em que se declararam livres os negros que desembarcavam no continente, e os filhos de mãe escrava, no reino, só ellas bastam para dulcificarem o terrivel aspecto da lendaria figura do marquez, e para o collocarem a par dos grandes beneficentores da humanidade.

Por isso, quando onço alguns intransigentes reacconarios combatem os actos d'este homem, e condemnarem a sua vida, e a sua politica, e o seu ferroz despotismo, eu, evocando aquellas leis humanitarias, fico pensando no sagrado minato em que elle foi bom, generoso e humano, e bendigo eternecidamente a sua memoria.

Lisboa, março de 1882.

Gonzales Ceipo.

## O MARQUEZ DE POMBAL

Esboço o pedestal de tua gloria grave-se uma unica palavra — Patria.

E a esta renome-se a tua brilhante apothose.

FRANÇA JUNIOR.

## A acção de Pombal

O marquez de Pombal combatendo o poder da aristocracia e do clericalismo que mantinham na immobillidade o regimen catholico-feudal, favorecia a consciencia e nobilitava a plebe: annullando a realza hereditaria pela imposição do poder superior do ministerio, annunciava o advento das instituições liberaes, que hão de ceder perante a verdadeira soberania popular, livre de sophismas.

N'este momento em que os jesuitas ainda pretendem subjugar os reis, os estadistas, as consciencias, estendendo-se pelo orbe como verdadeiros abutres da humanidade, a celebração do centenario do Pombal, esse genio reformador do seculo passado, é uma affirmacão eloquente de dous povos que aspiram á sua completa liberdade e á civilização mais perfeita.

Por isso fervorosos erentes, os amantes do catholicismo, sentem ainda, a cem annos do distancia, um immenso terror com a recordação d'aquelle homem d'uma organização de ferro, e cujo vulto pretendem vêr durante os seus agitados sonhos mysticos, como uma d'essas horribéis figuras da tragedia shakespeareana.

A acção do famoso ministro de D. José I estendem-se até nós. É, pois, á grande familia liberal que cumpre abrilhantar esta festa civica, que ficará na historia assignalada como um dos seus factos mais notaveis.

Lisboa.

Art. Bonino.

Pombal no exilio morre.

Ninguém o Nero chora.

Após um anno passa um outro anno, um seculo decorre;

vem a justiça, e diz: — *julgai-o agora.* —

E nós — posteridade —

clamamos n'uma voz: — *«Salvè, tyranno!*

Da nossa liberdade;

tu, n'um raio dos teus, douraste a aurora!»

Lisboa, fevereiro, 1882.

F. PALMA.



## O MARQUEZ DE POMBAL E O ENSINO PUBLICO

De todas as reformas iniciadas ou levadas a cabo pela poderosa e fecunda iniciativa de Sebastião José de Carvalho e Melo, uma existe que a todas sobrepõe — a secularização do ensino. Da expulsão dos jesuítas, doutoramentos seculares de Portugal desde o meio do século de quinhentos, foi a reforma do ensino uma consequência legítima e fatal. Mas quem substituiria em doutrinação e luzes, em methodo e em sciencia, os conspícuos educadores da mocidade plebeia, do príncipes e patriotes, n'um relance apeados das cadeiras magistraes e dos pulpitos, ao compasso que uma intolerancia de ferro os expulsava dos regios confessionarios e das cellas dos seus collegios? A cabeça fria do estadista e o braço possante do revolucionario responderam sem demora à interrogação dos limites. O mesmo genio que, das trinas d'uma cidade condemnada e maldita como Jerusalem, fizera resurgir, como que maravilhosamente, as correctas, pautadas e monótonas construcções da Lisboa nova, esse mesmo, cavando bem fundo a separação entre a sociedade antiga clerical e privilegiada, galante e devota, e a sociedade moderna burgueza e utilitaria, pensadora e pratica, realison em Portugal, que elle reconstruiu desde os fundamentos, essa vasta revolução pedagogica e philosophica que a França mal pôde levar a cabo um século depois, já em nossos dias, á custa do sacrificios e reclamações dolorosas.

Esta prioridade deu arruacear á ferula jesuitica a educação da mocidade é um dos nossos mais bellos titulos, e por ventura o mais vidente florão da corôa do marquez de Pombal.

Como quem adjuvava ha cem annos o principio que um século depois Julio Simon havia de traduzir na conhecida lei — «A felicidade dos povos está na razão directa do grau da sua instrução» — o marquez de Pombal que teve por contemporaneos Kant e Voltaire, Diderot e D'Alembert, que fôrta como os philosophos francezes educado pelos jesuítas e com elles encarniçara a philosophia naturalista do século xviii, comprehendendo desde logo ao regressar das suas viagens ao estrangeiro, que as unicas reformas viaveis são de começar pela educação e pelos costumes, e por isso consagrou os seus mais decididos cuidados a refundir o ensino, arrancando-o á tutela do quem o esterilizava em subtilezas galantes, mas vazias, democratizando-o pela diffusão, creando a escola primaria, nobilitando os professores, que denominou *meestros regios*, estabelecendo inspecções, dotando o professorado com o subsidio litterario, lançando as bases do ensino profissional, e instituindo na universidade, no collegio dos nobres e nos lyceus os methodos experimentaes.

Para este effeito, e porque escasseavam no paiz pessoas que professassem com proveito as novas sciencias, importou do estrangeiro professores competentes, como foram Cecheti, Franzini, Vandelii, Gould e Birmingham, para ensinarem no lado dos sabios Monteiro da Rocha e José Anastacio da Cunha. Os collegios jesuíticos, nomeadamente os de S. Roque, Santo António e Arroyos, tiveram novas applicações: a escola primaria diffundiu-se pelos centros locais de alguma importancia, estabeleceram-se em todas as villas cadeiras de latim e portuguez; organizaram-se lyceus para o ensino do grego, da eloquencia e da philosophia; e os estudos superiores fecundados pela alta sciencia e provada competencia dos novos mestres e pelo movimento favoravel que subia das congregações oratorianas, rivais da Companhia, atingiram o alto nível a que haviam chegado nos paizes mais bem providos de cultura litteraria.

A reforma do ensino realisada pelo marquez é de tão capital importancia e foi levada a cabo em tão angustiosas condições, que não ella, pelo arrojado dispêndio e pelos fructos que produziu, bastaria para absolver o ministro de D. João dos erros e feroçidades que o seu temperamento o levou a praticar.

Mas pede a justiça que a apothese não avolme tanto a estatura moral do notavel reformador, que á sua sombra e ao sopé do colosso pareçam pygmæos os benemeritos que com elle collaboraram na agigantada empreza. Ao lado do marquez ficam nobremente, e a boa luz, os vultos sympathicos do franciscano Genesio, do oratoriano Francisco José Freire, dos altos dignitários D. Francisco de Jemos e D. Thomaz de Almeida, que sabiamente sobreintenderam na questão do ensino, e dos iniciadores do movimento philosophico d'onde sahio o plano do marquez: Luiz Antonio Verney, Antonio Nunes Ribeiro Sanches, Francisco Xavier de Oliveira e Alexandre de Gusmão.

Das reiteradas instancias do frade barbadinho sahio a criação da *Junta da providencia litteraria* (23 de dezembro de 1770), assim como do seu *Verdadeiro methodo de estudar*, escripto de Roma em forma epistolar, sahiram os fundamentos das providencias legislativas sobre o ensino e as bases do famoso libello que se chama *Compendio historico do estado da Universidade de Coimbra*. A criação do collegio dos nobres é um resultado dos conselhos do medico Sanches, que trinta e seis annos viveu em Paris, d'onde se cartavea com o marquez, suggerindo-lhe o plano geral da educação da mocidade portugueza. O cavalloire de Oliveira encontrára em Londres em 1746 o futuro marquez de Pombal, e alli lhe manifestaria o odio profundo que votava aos jesuítas e ao Santo Officio. As suas obras de livre pensador á moda de Voltaire, lidas em Portugal e circulando por toda a parte, prepararam o espirito dos homens prementes que ao depois foram chamados a entender no ensino e a diffundir pelos novos molles. Igual servico deve o paiz ao eminente Alexandre de Gusmão, antigo secretario de D. João v, habilit diplomata como Antonio Vieira, espirito disciplinado na escola da vida, nas viagens e nos livros, observador, zombeteiro e caustico como Rabellais. Foi este quem preparou pela demolição do terreno onde o sabio e andacissimo ministro ergueria o novo e sumptuoso edificio da educação popular. Sem os esforços combinados d'estes luctadores incansaveis o marquez não vencia a batalha.

Vizão, março do 1882.

J. STAVES DIAS.

## O MARQUEZ DE POMBAL

(1882)

No tremor da historia refugio esse astro que N'eu poir sustelle um rei.

G. BELLEGAARD.

## O Centenario do Marquez de Pombal

A figura-se-me que este centenario deverá ter para nós outros, os portuguezes, uma altissima significação moral e politica.

Em primeiro lugar o marquez de Pombal era dotado de uma vontade de ferro. Superior ao rei, a quem dominava, o seu querer soberano impunha-se ao paiz por uma forma violenta e incontestada.

Larga e por demais fecunda foi a sua iniciativa. A Inglaterra, a egoísta Inglaterra, reconheceu-lhe o braço potente e, diante do seu vulto magestoso e arrogante, euvont-se humilhada e aporamente contrita. O jesuita astuto, encontrando n'elle um inimigo poderoso, retirou em debandada. A instrução publica recebeu do seu immenso poder indiscutivel um impulso gigante. O systema tributario foi modelado em novas bases. Em todos os ramos da administração publica, n'uma palavra, deixou este homem extraordinario as provas mais evidentes e irrefutaveis do seu genio, eminentemente patriótico e reformador.

Lisboa, março 1882.

S. de Magalhães Lima.

Sebastião José de Carvalho estabeleceu systematica e calculadamente o absolutismo em Portugal; impoz os mais vexatorios monopolios ao commercio e á agricultura; serviu-se da Inquisição para fazer queimar o estouteado do Malagrida; foi senão do para com os Tavoras, e fez-se conde e marquez; mas lavou todas estas manchas — de que não estão isentos nemhuns dos homens politicos da sua estatura — com uma serie de maldades, cada uma das quaes do per si so bastaria para dar nome a qualquer estadista já notavel.

Reformou a administração economica e financeira; Fortificou o paiz e organizou o exercito; Reconstruiu Lisboa; Reformou os estudos universitarios, e derramou a instrução pelas classes infimas; Cortou as relações com a corte de Roma, e não recebeu o santo e a senha do sr. de Voltaire; Declarou iguaes perante a lei tanto os filhos das colonias como os da metropole; Decretou que fossem livres os escravos que desembarcassem em Portugal;

E, como se tudo isto não bastasse para seu renome e gloria, praticou o maior acto de energia dos tempos modernos:

## Expulsou os jesuítas

Paris, 2 do março de 1882.

Luiz d'Assumpção.

## FRAGMENTO

Quanto mais leio e medito a historia do passado, mais me infamo de haver nascido n'este século!

Todos os grandes feitos da humanidade — até os nossos dias, tiveram, mais ou menos, o scenario fúnebre das crueldades!

No azul rutilante dos dias mais prosperos de todas as civilizações, o espirito da época penha, como contigão fatal, a nodosa carregada e sanguinea!

D'entre os maiores homens de todos os tempos raro seria aquelle que não praticasse, a par de grandes feitos, grandes atrocidades.

O marquez de Pombal foi um grande homem; mas á sua voz e á sua vontade — quantas victimas geraram cruciantes agonias no ergastolo, no potro, nas aspas, no fogo?

Era o capricho, — era o prazer ferico d'uma alma do tyranno?

Não! Era uma necessidade do tempo.

Se o marquez de Pombal existisse hoje, seria ineontestavelmente o primeiro homem do estado da Europa, e os que houvessem de lhe escrever a historia não teriam de lhe macular as paginas brilhantes com a chapada negra do pavoroso morticínio dos Tavoras!

Dem haja este século! que paga nos seus centenarios as dividas da gratidão que lhe legou o passado!

Dem haja este século! que, no concerto da civilização moderna, a par de tudo e acima de tudo, forceja por que predomine sempre a nota humana!

Março 7, 1882.

Balthão Fato.

O reformador do exercito, da marinha e da fazenda; o grande ministro que estancou a fonte da escravidão africana e restituiu á liberdade o indio americano; o legislador que emancipou a consciencia do cidadão, secularizando a lei civil e o ensino publico; o homem de bronze que feriu o privilegio até no altar e nos paços reaes; o glorioso estadista e sinistro revolucionario, semi-deus e verdugo, que d'um beaterio fez uma nação: — teve como recompensa um decreto em que D. Maria I houve por bem, attendendo aos annos e enfermidades do

alquebrado marquez de Pombal, perdoar-lhe as culpas em que incorrera.

Bem podia o leão moribundo, como Strafford sacrificado por Carlos I, exclamar: Ninguém confie dos príncipes, nem d'elles espere salvação.

Rio do Janeiro.

Ulisses de Azevedo.

## O MARQUEZ DE POMBAL

## AS THEORIAS POLITICAS DO SEculo XVIII

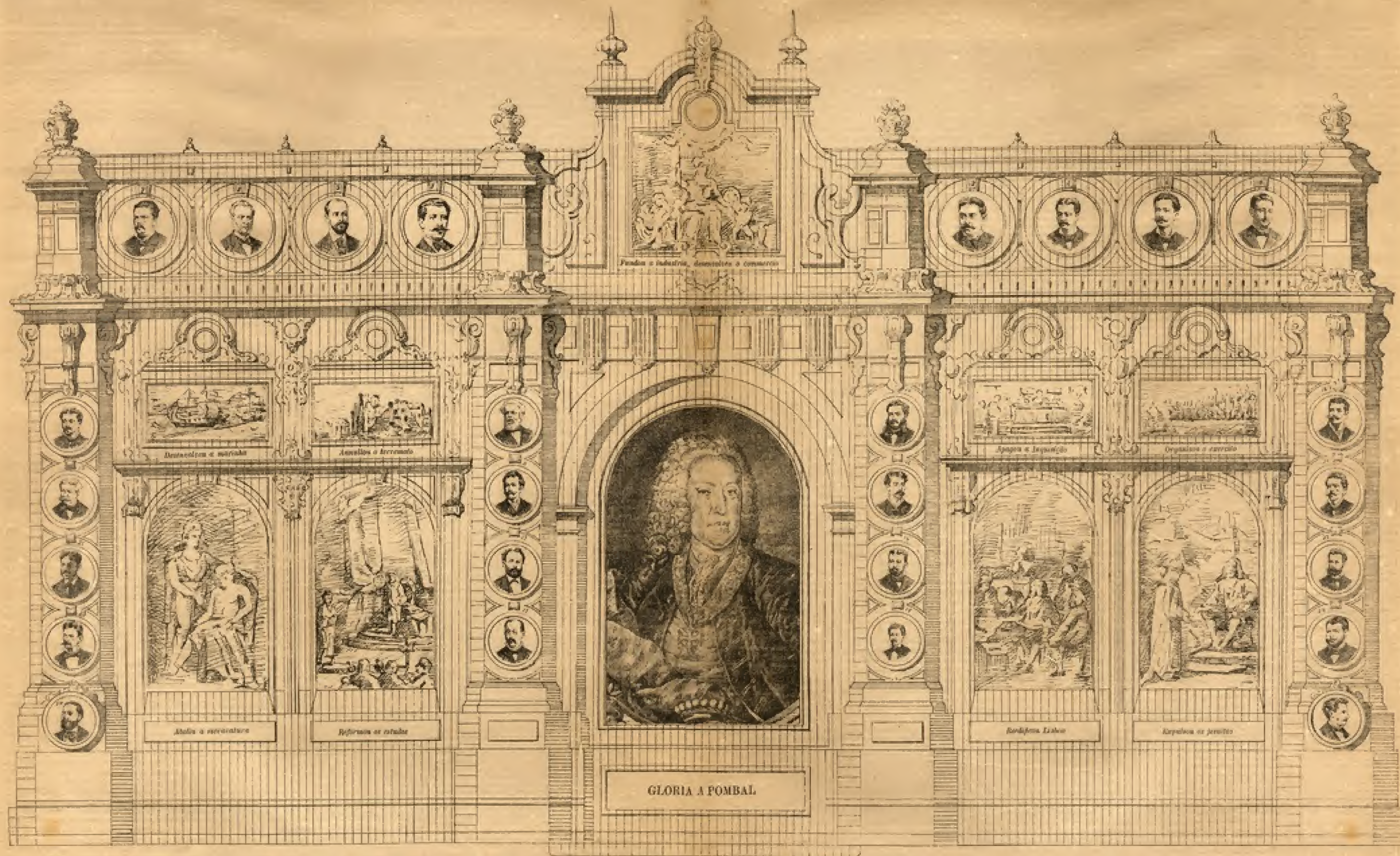
A unificação politica da Europa sob a acção absorbente da Roma imperial, produzindo a extincção das liberdades locais do municipalismo, foi durante toda a idade média o pensamento exclusivo de dous novos poderes que procuravam restaurar a tradição do imperio. A Igreja estabelecia a theocracia em Gregorio VII e Innocencio III, e pela adopção do latim como lingua da liturgia, e a propria Roma ligada ao dominio espirital como sede do papado, tudo conduzia á ambição de submeter a Europa á unidade catholica, confundindo o poder temporal no primado pontificio. As monarchias tornando-se hereditarias e dynasticas, alargaram-se pelo regimen da conquista, e visaram tambem a restaurarem o imperio universal, submettendo a Europa á unificação politica, e cercando as pretensões temporais da Igreja. A historia da idade média consiste no conflicto permanente entre o sacerdocio e o imperio, entre as immundidades e o regalismo; ainda depois do extraordinario desenvolvimento da casa de Austria, e do predomínio na Europa depois da paz de Westphalia d'uma diplomacia independente das intrigas clericas, ainda no século xviii, se dava esse violento conflicto entre as monarchias e o ultramontanismo. Voltaire foi um dos mais ardentis propagadores do regalismo, proclamando a independencia dos reis da subserviencia dos padres. No meio d'estes interesses dos dous partidos, apparece Rousseau proclamando a igualdade humana e a liberdade politica; veio completar a obra dos encyclopedistas, provocando a explosão revolucionaria que determinou a ruina do mundo catholico feudal. Voltaire e Rousseau representam estas duas facas das theorias politicas do século xviii; a independencia do poder monarchico foi reconhecida por todos os grandes ministros, pondo essa doutrina em pratica nas suas profundas reformas governativas. Mas a doutrina da igualdade humana como base da liberdade politica, essa foi abafada pelos poderes publicos, e onde quer que ella irrompeu foi sempre com a violencia da revolução. As duas doutrinas penetraram em Portugal em épocas diversas. A separação dos interesses das monarchias dos enredos sophisticados da Igreja, era o trabalho de Voltaire, por onde começa indirectamente a emancipação do poder civil; os juriscosultos tornam-se *regalistas*, e os reis fazem-se philosophos, como Frederico II e José II. Nós tivemos as consequências d'este facto em Portugal; sem as doutrinas de Voltaire, o marquez de Pombal não se atreveria a emprender a demolição do poder clerical e a estabelecer a supremacia do fôr civil, impondo a independencia absoluta da realza. O príncipe D. José, que segundo Pombal, devia preterir no throno sua mãe D. Maria I, morreu prematuramente, envenenado pela cabala clerical; pelas suas intimas relações com José II, e pelo conhecimento das doutrinas economicas, estava destinado a ser em Portugal o rei-philosopho. Assim, pela sua morte, Pombal não teve o seu continuador, e o obscurantismo triunphante sob a demencia de D. Maria I e sob a imbecillidade de D. João VI, isolou-nos do movimento europeu, até ao anno de 1820, em cuja revolução preponderou o espirito de Rousseau.

Voltaire lutára para demonstrar a existencia d'um unico poder; o marquez de Pombal pôz em obra este pensamento, destruindo os jesuítas, abatendo a nobreza que se tornára instrumento das intrigas da Companhia, e tornando a realza d'uma independencia absoluta, phase indispensavel para a reivindicacão da independencia civil. Os grandes ministros, como d'Argenson, Turgot, Choiseul, Aranda e Pombal, pertencem a essa escola da Encyclopedia, como sectarios da economia politica, e baseavam as suas reformas sobre a critica e conhecimento historico do passado. Servindo com sinceridade os seus reis, e empregando os meios adequados á época, na sua acção transitoria simplificaram o advento da independencia do estado civil e da soberania nacional, a que os proprios reis tem de ser sacrificados.

Lisboa, março de 1882.

Theophilo Braga.





Nomes dos membros da Grande Commissão executiva do 1.º Centenario do Marquez de Pombal: 1.º — Barão de Rio Bonito, presidente; 2.º — Visconde de Sistiello, 1.º vice-presidente; 3.º — Commendador Frederico Gustavo d'Oliveira Roxo, 2.º vice-presidente; 4.º — Dr. Antonio Zeferino Candido, 1.º secretario; 5.º — Visconde d'Arcovalle, thesoureiro; 6.º — Commendador Antonio Thomas Quartin, dito; 7.º — Dr. Hermogenes Pereira da Silva; 8.º — Dr. Carlos A. de Miranda Jordão; 9.º — Dr. Thomas Alves Junior; 10.º — Commendador Antonio José Elzeas; 11.º — A. Pinto da Silva; 12.º — Leopoldo Miguez; 13.º — Francisco José Corrêa Quintella; 14.º — Ernesto W. Teixeira de Castro; 15.º — Eduardo José d'Almeida e Silva; 16.º — José de Miranda Monteiro de Barros; 17.º — Alfredo Ignacio d'Alreu Soares; 18.º — Bernardo José d'Andrade; 19.º — Antonio José Marques d'Abreu Junior; 20.º — A. J. Xavier da Faria; 21.º — João Luiz Tavares Guerra; 22.º — Eugenio José d'Almeida e Silva; 23.º — João Francisco Froes da Cruz; 24.º — Joaquim Henriques da Costa Reis; 25.º — Antonio Pello.



## O marquez de Pombal

O marquez de Pombal, como todos os homens verdadeiramente grandes, era a expressão mais completa e mais perfeita do seu tempo. As suas qualidades e os seus defeitos foram as qualidades e os defeitos da sua época. A sua concepção do Estado foi depois a concepção real do futuro. O *Contrato social*, que veio a ser o Evangelho da Revolução, apresentou o marquez de Pombal. A única diferença foi que o marquez, ministro despótico d'um rei de direito divino, deu ao Estado uma forma palpável e tangível, consubstanciou-o no vulto magestático do rei; mas essa ideia absorvente do Estado foi a ideia dominante do marquez de Pombal, como foi depois também a ideia dominante da Revolução, como fôra a ideia querida de Rousseau. A igualdade foi o seu dogma, por isso equiparou os christãos-novos aos christãos-velhos em Portugal, os gentios aos portugueses na Índia, os índios aos brancos no Brazil, por isso deu a liberdade aos escravos que puzessem o pé no terreno da metrópole, o Estado, segundo a doutrina do marquez de Pombal, determinava as culturas, creava as indústrias, arrematava o commercio, fazia os armamentos nas cidades e os armamentos na organização financeira e económica, dava a estes o commercio do Para e do Maranhão, aquelles o do Pernambuco e de Parahyba, a outros o dos vinhos do Douro, como agrupava os órfãos n'uma rua, e os corretores n'outra, e os algaribes em terceira. A educação que deu ao Estado, como no *Fanatismo* de Rousseau. Os livros que se lão de lêr quem os censura e o Estado e mais ninguém. E, admitida esta doutrina, que é a doutrina da Revolução francesa, e reconciliados os seus muitos inconvenientes, é admirável ver o modo como elle desempenha essa enorme tarefa de reformador, sobre quem pesam todas as responsabilidades: como elle secularisa a sociedade portuguesa expulsando brutalmente os jesuítas, perseguindo-os até ao estrangeiro, até Roma, arrancando-os ecclesiasticamente do solo; como elle organisa a instrução racional, creando a instrução primaria, lançando as bases da secundaria, abrindo de subito a instrução superior à immensa luz da sciencia do seu tempo; como elle monta magnificamente a industria, dando-lhe um desenvolvimento a que nunca mais attingiu; como elle chegou mais a crear uma Igreja nacional, uma Igreja lusitana, de facto independente de Roma durante os annos de interrupção de relações com a curia; como elle passa por todas as calçadas que se erguem acima do nível a sua vara ferrea de Tarjuinto, como elle resuscita uma cidade, como elle resuscita um paiz, segundo um plano certo, segundo um systema, segundo um methodo rigoroso, como fez depois a Revolução, creando também uma França completamente nova, mas uma e indivisível, submettida a um jugo de ferro. A Revolução não foi a liberdade, a Revolução foi a dictadura reformadora, como o foi o marquez de Pombal, essa convenção consubstanciada n'um homem, curvo sempre diante do rei — a consagração do Estado, como a Convenção se enverva depois diante d'essa mesma ideia abstracta, enunciada com um vigor extraordinario por esse propheta, esse vidente da Revolução que se chamava Jean-Jacques Rousseau.

E como elle é tudo, como é elle quem reforma, quem organisa, quem pensa por todos, não admitta ao seu lado nem mesmo aquelles cujas ideias abraça e applaude. O marquez de Pombal é, como os encyclopedistas, filho do grande movimento philosophico e scientifico do seu seculo, mas detesta os ideologos e os philosophos, que lhe pagam na mesma moeda. E o que succede também com a Revolução. Procuram na lista das victimas da guilhotina, e lá encontram os philosophos, os pensadores, os poetas, que fizeram a Revolução nas ideias, e prepararam a Revolução em factos. Mallesherbes, Bailly, Linderet, André Chenier, Lavoisier, os pensadores da Constituição, os encyclopedistas, essas philosophias, todos cabem victimas do terrivel dictador revolucionario. Voltare tem uma apothecose, porque já não existe; se vivesse, moreria na guilhotina, ouvido os seus algaros e proclamarem as suas doutrinas, como Rouget de l'Isle tomou o caminho do exilio, ouvindo os que o perseguiram pelas montanhas do Jura cantar a sua *Marseilha*. Assim também o marquez de Pombal, longe de chamar para a corte portugueza os encyclopedistas, afasta-os cuidadosamente; sepulta Garção no carcere, e acerta a Arendia, porque é um arruador da poesia, a rua dos Capellistas e a rua dos Algarbes da litteratura.

A Encyclopedia pela sua parte detesta-o, e não o comprehende, como detestaria, como não comprehenderia a Revolução. É necessario que decorra um seculo, que a critica historica tenha feito progressos enormes, para que se possa ver a marcha triumphante da civilização. Voltare chama tyranno da idade média ao marquez de Pombal, Rousseau detesta Voltare, Frederico II recebe os jesuítas, Pombal expulsa-os, Catharina II acceite Diderot, José II impõe a Roma uma concordata liberal, Carlos III, Florida-Blanca e Tanucci, Luiz XVI, Mallesherbes e Turgot, dão um impulso enorme à civilização de Hespanha e de Nápoles e de França. Lafayette combate pela republica na America, e pelo constitucionalismo na Europa, a Revolução proclama odio aos reis e os reis declaram guerra sem tréguas à Revolução, e todos elles combatido, todos esses vultos extraordinarios que se dilaceram, que se combatem, que se odeiam, que se calamnia, a imperatriz autocratica da Moscovia, o rei philanthropo da Prussia, o Cesar humanitario da Austria, Franklin o democratica e Florida-Blanca o filalgio, Turgot o economicista, e Camillo Desmoulins o pamphletario, Washington o estafano, e Lafayette o attentissimo, o zombeteiro Voltare o melanconico Rousseau, Mirabeau a voz trovante da liberdade, e o marquez de Pombal a expressão mais completa do despotismo, todos trabalham pela obra e unimdo na nova civilização, todos elles fazem luz, todos concorrem para esse immenso esplendor que illumina o mundo no fim do seculo XVIII. Assim ao longe, muito ao longe, nas profundidades do oceano, travessa a bordo d'uma fragata uma lucta medonha. Troveja a fuzillaria, corre o sangue no convéz, e um incendio enorme lambe os mastros e as enxarcas. E a vaga contulada leva para a corte o navio incendiado e convulso, e o espectador, que lá n'um fraguado remoto escuta os mysterios do horizonte, o que vê apenas do tudo isso? Um vasto clarão tranquillo que caminha sobre as ondas, espalhando em torno de si uns reflexos de aurora.

Lisboa, março de 1887.

PINHEIRO GIGAS.

## AS CINZAS DO GRANDE MARQUEZ

Falla-se no centenario do grande homem que tanto se esforçou por elevar o seu paiz, por engrandecê-lo, por torná-lo respeitado nos conselhos das grandes potencias, em que elle soube assignalar-lhe lugar de honra que depois da sua morte nunca mais reconquistou.

Quiz vêr-lhe as cinzas, e encaminhei-me, como piedoso roneiro, para a ermida das Mercês, á procura d'uma inscripção qualquer que me dissesse: «E aqui o lugar do repouso dos preciosos restos do maior patriota do seu tempo, que foi também um dos mais robustos espiritos da sua época, espirito que brilhou a par dos seus contemporaneos mais eminentes e se affirmou d'uma maneira quasi lendaria».

Inutil canceira!

Nenhuma inscripção encontrei! E a severa nudez d'aquellas paredes tão pouco poderia satisfazer a minha legitima curiosidade.

Lembro-me que se ouvia, insistente, lá em cima, a zumbir n'um voltar de desespero sobre os vidros defumados, na cupula da capella, uma unica musca solitaria.

Do folego vivo não se dava outra noticia: as devotas já se tinham ido, eu estava só, tão só e tão abandonado como estava a ermida.

Elia tinha o aspecto phantastico d'essas mansões de fadas em que o maravilhoso se depara a par do enigmatico.

Eu procurava um empregado qualquer que me esclarecesse a respeito do lugar onde repousavam as cinzas do marquez.

Levantei ao acaso uma cortina pouco nova e menos isenta de pó, á esquerda da capella, que me pareceu occultar uns umbraes de porta interior.

Enganei-me.

Em vez d'essa porta achei-me em frente da miniatura de dous elephantes de pedra, já mutilados, que sustentavam um modesto caixão, coberto d'um reles panço mortuario.

Eu já tinha visto aquelle caixão em outra parte, ha muitos annos, sobre uma ega, no meio da ermida.

Affirmei-me e reconheci-o perfeitamente.

Era o mesmo, que servira na solemnidade da trasladação dos restos mortaes do marquez, apenas deteriorado pela acção do tempo; só o que se me afigurou differente foi o panço que o cobria.

Corri depressa a velha cortina, antes que algum visoso surpreender-me.

Quando mais tarde soube que o actual representante da casa do marquez se recusava a entregar o deposito d'essas cinzas preciosas, que pertencem tanto á patria, como á historia pertence o nome que as tornou celebres e d'ellas fez uma reliquia nacional; quando me disseram que o actual marquez se arrogava o direito de as conservar em seu poder, com tão pouco recato e tão pouco respeito, — achei que tinha feito muito mal em ter desido aquella cortina.

Eu havia de a ter levantado antes, bem alto, para que todos os meus compatriotas fossem alli participar do sentimento de indignação que experimentei.

Fago-o agora; porque o que eu vi é uma vergonha, e o que deixo escripto é um protesto!

23 — fevereiro — 82.

LEITE RASTOS.

D'entre o pó d'esse vasto cemiterio, Onde ha muito pousava a noite immensa

Da ingratidão de gerações extinctas,

A moderna consciencia, illuminada

Ao clarão dos relampagos da historia,

Ergue enfim dous cadaveres gigantes,

Talhando, na mortalha que os cobria,

O largo manto d'immortaes auroras.

Vinga o presente as sombras do passado

Na luz que jorra dos ardentes peitos.

Confundem-se no espaço as harmonias

De dous povos irmãos, ajoelhados

No templo augusto da verdade eterna.

Portugal e Brazil despertam juntos

Do mesmo leito de lethargos moribundos,

E á mesma voz de redempções futuras.

Irmãos no sangue, o amor os prende agora

No zelo d'uma gloria aos dous legada.

Salvê por ti, Brazil, e por teus filhos!

Porto, 2 de março de 1882.

HENRIQUE MARINHO.

Para que fosse completa a grandezza de Pombal, quiz o destino que a agarrasse a desgraça. Só e isolado, a posteridade melhor o destacara no horizonte da historia, porque a unica aureola digna das grandes homens symbolisava-se, não nas gracas das côrtes, sem no signo magnifico que as promessas estampam-lhes no fronte.

Ao apice das pyramides do Egypto, esses grandes monumentos do deserto, só alcançam os raios divinos do sol, morrendo ao horizonte!

Alberto de Carvalho.

## ORIGEM BRAZILEIRA

DO

## MARQUEZ DE POMBAL

O Brazil entrou também com o seu contingente vital para a futura d'esse vulto proeminente dos factos da nação portugueza, d'esse homem tão grande pelo seu amor á patria e energia de caracter, como pela prepotencia da sua vontade e dureza de coração. Sebastião José de Carvalho e Mello descendia, pelo lado materno, de brazileiros; e, o que é mais, figura como um dos robustos troncos da sua arvore genealogica uma indigena das invias florestas pernambucanas; proximo, talvez, d'essas gotas de sangue indomito a cruzar com que elle fazia exceder as suas terríveis sentenças, ou antes, mais appropriately, as suas inexoráveis vingancas.

Eis como fr. Antonio de Santa Maria Jabotam, no seu *Orbe Seraphico*, traça os primeiros lineamentos d'essa ascendencia, que vamos encontrar depois continuada nos livros da nobiliarchia portugueza até o nascimento do grande estadista portuguez.

Jeronymo de Albuquerque, cunhado do primeiro donatario de Pernambuco, Duarte Coelho, achando em poder da tribo *tabayara*, *tabayara* ou *tobayara* como a denomina José de Alencar, foi salvo pela dedicacão d'uma filha do chefe da tribo, que se apaixonara pelo guerreiro portuguez, e de quem se tornou amante, e a cujos rogos se deixou baptisar, tomando o nome de Maria do Espirito Santo *officio* *Durde*, cognome este pelo qual era também conhecido seu pai, o valente chefe dos tobajaras.

De Maria do Espirito Santo houve Jorge d'Albuquerque que dous filhos: D. Catharina d'Albuquerque e Jeronymo d'Albuquerque Maranhão, os quaes foram por elle reconhecidos, como se de legitimo matrimonio fossem nascidos.

Jorge d'Albuquerque Maranhão foi um heroe; seu nome ligase á historia da conquista da Parahyba, quando apenas contava 20 annos; semlo mais tarde por sua vez unico conquistador do Rio Grande do Norte. Em 17 de junho de 1674, recebendo a nomeação de — capitão da conquista e descobrimento do Maranhão —, parte, embora com insufficientes forças, e alli já encontrando fortalezados os francezes, ataca-os valentemente, desaloja-os, derrota-os enfim, tomando posse das terras para a corôa portugueza e juntando, com justo orgulho, a seu historico nome o appellido de sua conquista; é desde então que fica chamando-se — Jeronymo d'Albuquerque Maranhão. Fallecendo a 11 de fevereiro de 1678, deixou tres filhos, todos fidalgos da casa real portugueza.

A tribo de Albuquerque Maranhão, D. Catharina, casou com Filipe Cavalcanti, nobre borenino de quem teve, entre outros filhos, D. Genebra Cavalcanti, que por sua vez casou com D. Filipe de Moura, fidalgo de antiga linhagem de Portugal.

De D. Genebra e de D. Filipe de Moura, nasceu D. Paulo de Moura, que aos vinte annos, enamorado e correspondido em seu amor, casou com D. Brites de Mello, sua prima co-irmã, filha de João Gomes de Mello, o moço, e de D. Margarida d'Albuquerque, irmã de D. Genebra. D'este consorcio nasceu uma filha, fallecendo pouco depois D. Brites de Mello, e deixando o apaixonado esposo em amargurada viuvez.

D. Paulo de Moura, não achando no mundo conforto para tão fundas maguas, recolheu-se ao convento de Nossa Senhora das Neves, em Pernambuco, e n'elle professou tomando o nome de fr. Paulo de Santa Catharina; sendo em 14 de janeiro de 1717, no capitulo celebrado em Santo Antonio, em Lisboa, eleito custodio do Brazil.

Taes são as informações que até aqui nos ministra fr. Antonio de Santa Maria Jabotam, confrade e contemporaneo de fr. Paulo de Santa Catharina; d'aqui por diante proseguem os livros nobiliarchicos.

D. Maria de Mello, filha unica de D. Paulo de Moura e de D. Brites de Mello, casou com Francisco de Mendonça Furtado, alcaide-mór de Mourão, commandador de Villa Franca de Xira e governador de Mazagão; d'este consorcio nasceu D. Mayor Luiza de Mendonça, a qual casou com João de Almada de Mello, commissario geral da cavallaria da Beira, alcaide-mór de Palmella e senhor do morgadio de Olivares e do Souto d'EL-Rei.

De D. Mayor houve João de Almada uma filha, D. Theresia Luiza de Mendonça que casou com Manoel de Carvalho de Athayde, moço fidalgo da casa real, commandador da ordem de Christo e capitão de cavallos na guerra de successão de Hespanha.

Finalmente d'esta união nasceu Sebastião José de Carvalho e Mello, o famoso ministro de D. José I, mais conhecido pelo titulo de marquez de Pombal.

D. Paulo de Moura, depois fr. Paulo de Santa Catharina, neto da india Maria do Espirito Santo Arco Verde, foi, pois, terceiro avô do marquez de Pombal, o qual portanto era sexto neto da filha do afamado chefe dos tobajaras.

Tal é a rapidos traços a origem brazileira do grande ministro, do qual, com toda a justiça, tanto se orgulham os portuguezes.

Rio de Janeiro — 1882.

FELIX FERREIRA (Fluminense).



SEBASTIÃO JOSÉ DE CARVALHO E MELLO

Das ruínas d'um terremoto edificaste Lisboa.

Sustentaste os brios do Portugal, sofrendo a prepotência estrangeira.

Esmagaste o fanatismo, expulsando os jesuítas. Enriqueceste as letras e as sciencias, reformando os estudos.

Produziste a actividade e a riqueza no commercio e nas industrias, inflando nas exposições.

Foste homem e... acabaste no exílio pela cólera implacável d'uma rainha estúpida e fanática, agulada pela vindicta jesuitica.

Martyr, a patria consagra-te ao preto devidó; a humanidade eleva-te ao numero dos seus heroes.

Rio de Janeiro, 8 de fevereiro de 1882.

JOAQUIM JOSÉ MARQUES.

## Prioridade das exposições industriaes

A verdade dos factos não é a miude a verdade tida como historica.

N'este seculo de investigação e de critica quantas lendas tem sido expungidas á historia antiga e á historia moderna! Que de fabulas relegadas para as suas origens — os chronicones monasticos e os annaes da realza. pulverulentos repositórios de pias invenções e de patranhas monumentaes!

Conforme as circumstancias, ora se avolumavam pequenos casos insignificantes; ora se elevavam, e não raro se suppram eventos dignos de memoria.

Pertence a esta ultima categoria um successo notabilissimo da administração restauradora do marquez de Pombal, successo de que são omissoes os historiadores do reinado de D. José, e as biographias do seu primeiro ministro.

Desde os fins do seculo passado até aos nossos dias, escriptores de todos os paizes affirmam em todas as linguas que a primeira exposição de productos da industria foi a que, para solemnizar o setimo anniversario da fundação da república franceza, se effectuou em Paris no anno de 1798. Já na *Revista da expozição portugueza no Rio de Janeiro em 1879* (pag. 292 a 299) tratou douidamente d'este assumpto, e erio ter demonstrado que a asserção quasi universal não é exacta, e que a verdade é mui outra da geralmente admittida.

Mas, acaso pela limitada circulaçáo d'aquella Revista, ou por outro qualquer motivo, continúa intacta a supposição anterior. Julgo, portanto, de bom ensejo, e considero até dever de amor patria, renovar hoje, no centenario de Sebastião José de Carvalho e Mello, o protesto que alli inseri, expondo agora sumariamente o facto que allora nos fundamentos este capitulo da historia lusitana.

No reinado de D. José I, e por iniciativa do seu poderoso ministro, se effectuou em Portugal, no anno de 1773, a primeira exposição de productos industriaes, precedendo assim 23 annos á de Paris em 1798.

Notam este acontecimento escriptores abalizados, nacionaes e estrangeiros:

Francisco José Maria do Brito, embaixador portuguez, em Paris, citado pelo autor seguinte:

(Conselheiro Candido José Xavier Dias da Silva *Annaes das sciencias, das artes e das letras*, tomo vii, pag. 437 a 460).Adriano Balthé (*Essai Statistique sur le royaume de Portugal et d'Algarve*, tomo ii, pag. 481).José Accurcio das Neves (*Noções historicas, economicas e administrativas sobre a producção e manufactura das sedas em Portugal*, pag. 133 e 134).Dr. Heinrich Schäfer (*Geschichte von Portugal*, tomo v, pag. 410).Fr. Francisco dos Prazeres Maranhão (*Diccionario Geographico de Portugal*, 2.ª ed., pag. 439).Inocencio Francisco da Silva (*Marcellus do genio do homem*, por A. de Bast, verso de M. L. Coelho de Magalhães, tomo ii, pag. 124).A. S. A. Barbosa de Pinho Leal (*Portugal antigo e moderno*, tomo vi, pag. 213).*Revue de l'art chrétien* (Paris, 1867).

Não pôde ser acioado de suspeito o testemunho do jornalista francez. E expresso nas honrosas phrasas seguintes:

«Euulo do Richeu, na politica, o marquez de Pombal seguiu as pisadas do Colbert na administração.

«A posteridade julgaria talvez severamente alguns actos do ministro portuguez, mas não lho ha de negar a honra de ter querido desenvolver o commercio e a industria do seu paiz.

«Em 1773, durante a estada annual que D. José fazia no palacio e quinta d'Oeiras, proxima dos banhos de Estoril, aconselhados ao rei pela medicina, Pombal soube aproveitar-se d'esta circumstancia e transformar uma simples feira expositiva de productos da industria portugueza.

«A idea, por si mesma, era engenhosa; outras nações se apropriaram d'ella, desenvolvendo-a, e de augmento em augmento chegou á Exposição universal de 1867, que provavelmente feclará a gloria dos concursos internacionaes. Esta minha reflexáo não vem fora de proposito, e antes me parece que é esta a verdadeira occasião para restituir ao marquez de Pombal o que de direito lhe pertence.

«Uma idea fecunda, adoptada depois pelo mundo industrial, bastaria para justificar o titulo de grande marquez dado pelos camponeses a um velho decaído do poder e condemnado ás amarguras do exílio».

(Tradução do *Commercio do Porto* de 6 do setembro de 1867).

O conselheiro Candido Xavier confessa dever ao mencionado embaixador Brito, testemunha provavelmente acurda da surpreendente festa (pois viveu de 1759 a 1823) a enumeração das riquezas industriaes expostas no palacio d'Oeiras.

«As tapearias do Algarve, estabelecidas á imitação das de Beauvais, de que ainda as salas do senado da camara de Lisboa e a casa dos vint e quatro conservam armagões; as roudas de Setúbal, á imitação das inglezas; os pamos de Cascaes, de Portalegre, da Covilhã, do Fundão; as sedas da Real Fabrica; os bordados de algodão e seda da fabrica do Loeite, em Aveiro; as cambrás lisas e lavradas de Alcobaca; todos os artigos manufacturados nos suburbios do Rio; relógios da fabrica de Pires; louça, vidros, panno de linho, saragaças, gorgoros de Bragança, chapéus de Braga, Lisboa e Elvas; tudo quanto era producto da industria portugueza veio enriquecer aquelle espectáculo nacional».

Adstrinjo-me a estas duas transcripções, forçadas pela estreiteza do espaço. Os leitores interessados aclararão na *Revista da expozição* os demais testemunhos aduzidos, dos quaes se evidencia que a primeira exposição industrial da Europa se realizou no anno de 1773, por ordem do marquez de Pombal.

O espirito vidente do grande estadista albrangeu na sua alta concepção o extenso alcance d'este empreendimento germinador. Anteviu n'elle o desenvolvimento da industria, o estímulo dos operarios, a nobilitação do trabalho; e, como consequencia infallivel, o bem-estar do povo e a riqueza do Estado.

E poder-se-ha ainda agora permanecer ingenuamente no erro inveterado de adjudicar a França uma primazia que lhe não pertence, que é innegavelmente de Portugal?

Será feito á raça portugueza consentir que se adulete a historia em proveito d'uma nação que — opulenta de haveres proprios e indisputaveis — quer ainda usurpar-lhe alguns dos flúvios da sua cora, tens que a simplificação do astrolabio, o mesmo pratico dos surdos-mudos, a invenção dos aerostatos?

Deveria eu, no dia de hoje, deixar de insistir na affirmacão d'um facto que é uma das glorias de Pombal, a demonstração de seu genio creador, a prova irrecusavel da sua vontade esclarecida e tenacissima?

JOAQUIM DA SILVA MELLO GUIMARÃES.

## A INSTRUÇÃO PUBLICA NAS MÃOS DE POMBAL

Sebastião José de Carvalho e Mello, debellados e S anquilados seus inimigos, em nada pensou tanto como na mudanca do systema de ensino, na escola de professores de primeira ordem, mandando-os vir do estrangeiro, quando os não havia em Portugal. Em 1759 cria a aula de commercio n'um paiz em que até os guarda-livros eram estrangeiros. Estabelece 440 mestres de instrução primaria no reino, 15 nas ilhas e 24 no ultramar. Era pouco, seguindo as idéas do nosso seculo, mas era muito, muitissimo para aquellos tempos, em que não se pensava, não se discorria, não se raciocinava, em que a razão era escrava cega da theologia. Em 1751 creou-se uma aula de navegacão. Em 1766 abre-se o afamado Collegio dos Nobres com excellentes professores, proferindo o italiano Ciera um discurso sobre a necessidade de fazer com que as sciencias, artes e letras revivessem no paiz. N'elle se estabelecem o ensino das linguas latina, grega, franceza, italiana, ingleza, rhetorica, poetica, logica, historia, os theoremas d'Archimedes, os seis primeiros livros de Euclides, algebra, optica, principios d'astronomia, geographia, nautica, architectura civil e militar, desenho, physica, equitação, esgrima e dança.

O professor de rhetorica devia apresentar aos discipulos um resumo historico e critico das differentes seitas philosophicas.

O de historia tinha obrigação de dar idea geral da chronologia, da geographia, da historia antiga e moderna, principalmente a portugueza, principios e progressos das artes.

Recomendava finalmente aos professores de linguas vivas que «o ensino tivesse um caracter pratico, dispensando uma multidão de preceitos inuteis a que ordinariamente se recorria n'esse ensino».

Não ficam, porém, as reformas n'isto. Estabelece uma aula de artilheria em S. Julião da Barra, e criam-se bibliotecas militares em todas as guarnições. Institue-se uma aula de chirurgia no hospital de Todos os Santos, funda-se a impressão regia, cria-se uma aula de pharmacia e um dispensatorio pharmaceutico junto da Universidade. E finalmente faz-se em 1772 a grande reforma da Universidade de Coimbra, reforma que, passado um seculo, ainda vigora, ainda é aceitavel, e ainda a Universidade bemdiz por occasião do centenario.

Lisboa, fevereiro de 1882.

Manoel Brinçozo Branco.

Não ha muito tempo ainda, observando um typo de benta que andava em torno dos confes-sionarios e que urdia no seio das familias as mais complicadas intrigas, eu perguntava:

— Que novo marquez de Pombal nos livrará d'estes Jesuitas temezes?

LUIZ DE ANDRADE.

## O MEDALHÃO DO MARQUEZ

É geralmente sabido que D. José, querendo remunerar condignamente a dedicacão de Pombal, mandara collocar a effigie do seu ministro, esculpida em bronze, no pedestal da estatura.

Mas o que deve saber-se, é, que fallecido D. José, a plebe de Lisboa, agulada pela nobreza e pela fradaria, não se cansava de apedrejar a effigie do marquez de Pombal, até que o medalhão desapareceu.

N'esse tripudio, que o pusillanime governo d'uma rainha fraca tolerava, distinguu-se um frade que vozeou apontando para o pedestal viuvo do medalhão:

— Olá! Este eclipse não estava marcado no repertorio!

Ah! meu fradinho revolucionario, que despicavas a morte do visionario Malagrida, a hora da justiça havia de soar ciucenta e seis annos mais tarde, para ti, e para o marquez de Pombal. Tu morreste anônimo, e o ministro de D. José revive, não só no medalhão restituído ao monumento em 1833, mas na historia, meu padre, — na historia, que é o monumento eterno, o medalhão que se não arranca, a effigie que se não apedreja.

ALBERTO PIMENTEL.

A grandeza do movimento que hoje se opera é a prova mais irrefragavel da homenagem devida á memoria de Sebastião José de Carvalho e Mello — marquez de Pombal. Sendo amaldiçoado pelo passado como tyranno e ateu, o presente o acclama como um dos libertadores da humanidade.

Se Camões foi sagrado por immortalizar sua patria, não menos merece Pombal, que, fundando a Companhia de Jesus, deu-lhe o direito de viver e pensar, e para toda a humanidade iniciou uma era de fecunda civilisacão.

Sagremos, pois, o immortal Sebastião José de Carvalho e Mello.

Candido Elias Mendonça de Carvalho.

## Pulnam qui meruit ferat

E em sua missão augusta tem o espirito humano devassado innumeras sendas, nenhuma das quaes mais aspera, mas vasta, e tambem mais gloriosa que a do homem de Estado.

Attesta-o na successão das épocas, das revoluções, das crises que onchem a historia da civilisacão, a marcha das nacionalidades e dos povos.

A frente do imenso exercito que ha seis mil annos avança intemerato, alastrando a larga estrada de despojos opimos, destaca-se, nuvem de luz, a legião immortal que o guia, a phalange dos chefes cujas vozes de commando se vão ouvindo victoriosas no interminavel prelio.

Trajano ou Carlos v, Cesar ou Frederico II, Guilherme ou Taciturno ou Cromwell, Henrique IV ou Guilherme III, Richelieu ou Pombal, cada um d'elles refulgo em um estadio da esplendida jornada.

Tiveram uns acclamações e apoteoses, morreram gloriosos, e com o mesmo brilho resurgiram na memoria dos posterios.

Passaram outros entre os coevos sem saudações, e sem laureas, assaltados pelas audacias da ignorancia, pelas explosões da injustiça, pelas tranas da inveja, sentindo embora nas libracões do seu genio o ressar das ovações do porvir!

Coube a Pombal esta sorte, tão ajustada a um lutador de sua tempera.

Elle, que conseguiu renir a patria das humilhações do sessenta annos de cativeiro, não resgatada em um seculo de independencia, viu disputada a sua coroa triumphal pelo clamor irrevemente de aspirações subalterneas!

Elle, que enceerrou em uma malha d'aço, o domíon com animo firme, os odios que lhe perturbavam o labor inspirado, as rebelliões que lhe ameaçavam o plano grandioso, sentiu o seu nome proferido como um baldão na geração hostil que o cercava!

Mas, quando, depois de haver, pela força do talento e pela energia da vontade, reconquistado para Portugal a pristina importancia, teve para cortejo de tanta grandeza a reacção de rancores mesquinhos, e por apoteose o exílio; — presentiu de certo, nas visões de sua alma superior, as glorificações d'esto seculo!

Manoel Francisco Correia.











# FARO & LINO

# EDITORES

LIBRARI CONTEMPORANEA

RUA DO OCEANO 74 RIO DE JANEIRO

[illegible]

Tem sempre todas as novidades scientificas, litterarias e artisticas, assim como um variado e completo sortimento de livros nacionaes, francezes, italianos, hespanhoes e portuguezes.

